

LVSITANIA.  
RESTAVRADA  
DIRIGIDA

A  
SEV RESTAVRADOR  
EL REY  
DOM IOAÕ O QVARTO  
NOSSO SENHOR.

POR VICENTE DE GYZMAN  
Soarez.



EM LISBOA.

*A custa de* Lourenço de Anveres, & na sua  
Officina. Anno de 1641.

*O Primeiro da Restauração de Portugal.*



## L I C E N C I A S

**E**ste livro, cujo titulo he *Lusitania Restaurada*, Autor Vicente de Guzmão Soarez, não tem cousa alguma contra a fe, ou bons costumes, & celebra com muito engenho, & boa Poesia a gloria da restauração do nosso Reino de Portugal. E assi me parece muito digno de se imprimir. Em s. Domingos de Lisboa. 26. de Agosto de 1641,

*O Mestre Fr. Ignacio Galvão,*

**V**ista a informação pode-se imprimir o liuro intitulado *Lusitania Restaurada*, Autor Vicente de Guzmão soarez, depois de impresso tornará ao Conselho para se conferir como Original, & sedar licença para correr & se ella não correrá Lisboa 27. de Agosto de 1641

*Fr. João de Vasconcellos. Pero da Silva.*

*Francisco Cardoso de Tacheco.*

*Sebastião Cesar de Meneses.*

**P**ode-se imprimir Lisboa 2. de setembro de 1641,

*O Bispo de Targa.*

**Q**ue se possa imprimir este livro, vistas as licenças do santo Officio, & ordinario, & não Certeza, primeiro tornar a esta mesa para se taxar. Lisboa 6. de Setembro de 1641.

*João Sarmêda Bacia. Cesar. D. Rodrigo de Meneses.*

**E**ste liuro da *Lusitania restaurada*, com os annexos esta tudo conforme com seu Original. S. Domingos de Lisboa 21. de Novembro de 1641.

*O M. Fr. Ignacio Galvão*

**V**isto estar conforme com seu Original pode correr este liuro. Lisboa 22. de Novembro de 1641

*Fr. João de Vasconcellos. Pero da Silva.*

*Francisco Cardoso de Tacheco,*

Taxam este liuro em setenta reis em papel. Lisboa 23. de Novembro de 1641.

*Meneses*

*Ribeiro,*



*A EL REI. N. SENHOR,*  
**DOM IOAÕ O QVARTO**  
**Restaurador de Portugal,**  
*SENHOR.*

O Panegirico, é que celebrei a vinda de V. Mag.  
de Almada a Lisboa, aquella Ninfã, que offerce-  
a V. Mag. hũa coroa de flores, cõtava estes versos

*Esta, que adorna a muitos a cabeça,*

A vossos pés he bem que se ofereça.

Não me atrevo a afirmar, que foi conceito da esperança; mas atrevo-me a presumir, que foi profecia do desejo. Agora neste livro com mais venturoso successo logra V. Mag. a coroa de ouro em seu legitimo lugar; sendo a restituição de V. Mag. & a restauração de Portugal hũa acção tão hũa, que nem a justiça, nem o Amor lhe pode considerar separação. Lembrandome agradecido da beninidade, com que V. Mag. me fez m. em Almada de admitir aquelle humilde serviço, me animei obrigado a dedicar a V. Mag. esta LV-SITANIA RESTAVRADA, confiando, que, como V. Mag. com seu Real alento he seu auctor na empresa, assim tambem com seu augusto nome será seu defensor na relação. Guarde Deos a Sereníssima pessoa de V. Mag. para gloria de Portugal, para columna da Igreja, para admiração do mundo. Lisboa 15. de Novembro de 1641.

*Vicente de Guzman Soarez,*



## A TODOS.

**A** Acção de *LVSITANIA RESTAV-  
RADA* era tão eroica, que a não igua-  
lava o mais sublime estilo; mas o Amor alenta grã  
des audacias, & o da Patria pode tanto, que tal  
vez excede os limites das forças. Este me empe-  
nhou no estudo d' estes cantos, que quando não sir-  
vão de dino aplauso a tanta empresa, pelo menos  
serão estímulo para os melhores engenhos emenda-  
rem com obras proprias os defeitos, que nesta cen-  
surarem.





LVSITANIA

## RESTAVRADA

DE  
VICENTE DE GZMAN  
Soarez.

## CANTO PRIMEIRO.



Aõ cãto as armas, a cõcordia cãto,  
E o varão, q a preciosa liberdade  
Da amada Patria cõ geral espãto  
Redemio da tirana crueldade:

Nunca Heroe memoravel obrou tanto,  
Nunca Musa aspirou à Eternidade  
Com tal acção: que admira o emisferio  
Triúfar sê guerra, & cõquistar o imperio;

2

Ardua empresa tomou minha confiança,  
Em q a arte teme, quãto atreve o égenho,  
Muito farei, se meu accento alcança  
De tão grãde promessa ao desempenho:  
Mas minha presumpção, minha esperãça  
Em teu favor, ò eterna Musa, tenho:  
Inspirame copiosa, dãme activa  
Hũa idea immortal, hũa arte viva.

A

E vos

3

E vos, Restaurador maravilhoso  
Da gloria Lusitana, a quem o Fado  
Na posse constitue venturoso,  
Quanto nas esperanças desejado:  
Vmanai o lembrante Magestoso  
A accento, mais que culto, afeiçãoado:  
Que ensaios nesta empresa considero  
Para outras, que de vos cantar espero,

4

Que eu, Senhor, q̃ cantei cō voz medrosa  
Hũas flores, q̃ ao Tejo é Maio destes,  
Ja canto com trombeta sonora  
O fruto, em que essas flores cōvertestes;  
Empenho he da promessa venturosa,  
Que benigno ao meu canto recebestes,  
E oje meus desempenhos persuade  
Flor a Excelencia, fruto a Magestade.

5

Perdoai as lisonjas dirigidas  
Ao poder, que então era idolatrado,  
( Sendo verdades a vos sō devidas )  
Que entreteceu meu pleêtro violêtado:  
Que tambem vos, ó Reis, as nossas vidas  
Devieis, muito ha, ter resgatado:  
E obedecendo aos tempos a esperança  
Desculpa nas violencias a tardança.

Em fin



6

Em fim chegou o termo venturoso  
De restituir o Cetro Lusitano  
Ao centro de seu tronco glorioso,  
A quem o dera o fado soberano;  
Chegou a idade de ouro ao piedoso  
Reino, chegou o amparo de seu dano;  
Chegastes vos; e em vos cūpridos vejo  
Os termos da esperança, & do desejo.

7

Estava Portugal; mas não estava;  
Iazia Portugal; mas não jazia:  
Que o estado, & o sepulcro, é q se achava  
De vida, nem de morte lhe servia;  
Para sofrer, a vida sustentava,  
Para viver, da vida carecia,  
Provãdo cada instãte em triste abismo  
Hum golpe, hũa ruina, hũ paracismo:

8

Orfão d' aquelles pais, em cujo peito  
Reinava mais o amor, que o poderio,  
Chorava seu tormento mal sojeito  
Ao jugo de soberbo senhorio;  
O valor, a quem d' antes era estreito  
O mundo, como em neve preso o rio,  
Sem galardão estava, & sem justiça  
Nas prisões da lisonja, & da cobiça.

9

O sustento dos pobres carregado  
De intoleravel peso de tributos  
Escassamente dava cultivado  
Ao miseravel dono livres frutos:  
Lá não avia idade, nem estado,  
Que os tristes olhos contivesse enxutos  
Vendo quebrar astencas, & com ellas  
O pão de orfaãos viuvás, & donzellas.

10

As fazendas, que menos poderosos  
Principes dêrão à Igreja santa,  
Alvitres cegamente perniciosos  
Lhas defraudavão em riqueza tanta;  
Em gastos escusados voluptuosos  
De quem aplanar os montes, & levanta  
Os valles ocioso, se gastava  
Quanto o Reino, & cóquista tributava.

11

As onras, os officios, os governos  
Vendidos de ordinario aos mais indinos  
Erão da Patria escandalos eternos,  
E errada exaltação dos peregrinos:  
Os dinos de escreverse nos quadernos  
Da Nobreza esquecião, muitos dinos  
De esquecimêto, dando a razão gritos,  
Se vião na memoria injusta escritos.

Os premios



# PRIMEIRO

12

Os premios das insignias militares,  
Que justamente forão ordenados  
Para os q tingē cō seu sãgue os mares,  
E as terras pela fê d' esforço armados;  
Se davão por respeitos singulares,  
E sô alcançavão cruces os cruzados,  
Fazendo a hum por injuria cavalleiro  
Não o proprio valor, mas o dinheiro,

13

Cometido o timão da Monarquia  
A debil mão, porem de modo armada,  
Que para fazer mal tudo podia;  
Mas para fazer bé ou pouco, ou nada,  
Naufragios ameaçava cadadia,  
Ea gente em tempestades alagada  
Chorava o varonil ardor sojeito  
Ao fraco braço, ao feminino peito.

14

Hum òmem, cujo estado se não conta,,  
Porq de hũ morto fora aqueixa ociosa,  
Era dos òmēs nobres viva afronta,  
Era monstruosidade prodigiosa;  
Todo o estado das cousas, toda a conta  
Do Reino com soberba escandalosa  
Intruso registrava mais tirano,  
Que o proprio dono, é quē fūdava o dano,

A;

Simula;



15

Simulado pretexto, nomeado  
De consulta, a nobreza convocava  
A corte estranha com sagaz cuidado,  
Que as ultimas desgraças fulminava:  
Temia o Reino verse despojado  
Do lustre Portuguêz, que o sustentava,  
Que era o designio certo, que movia  
A chamar a Castella a fidalguia.

16

Das condições juradas, & firmadas,  
Com que deu Lusitania ao Castelhana  
As chaves (se lhas deu, sendo compradas  
Apoucos com violência, ou com engano)  
Tantas, & tantas vezes quebrantadas  
Com tanta perdição, com tanto dano  
Do povo, q̃ as chorava, se as sofria,  
O direito das gentes se ofendia.

17

Não havia lugar, villa, ou cidade,  
Que ja pudesse sustentar a carga  
Da ambição, que oprimia a liberdade,  
Que o Ceo no justo Imperio nos alarga;  
Vindo a ser a maior calamidade,  
Ea dor aos Portuguezes mais amarga  
Não ver no Rei hũ pai, hum doce abrigo,  
Que aliviasse a pena, ou o perigo.

De tão



18

De tão grande opressão, de tal violência  
A voz, que magoada se formara,  
Em suspiros envolta, & em paciência  
Por remate da pena ao Ceo chegara:  
No tribunal da eterna Prouidencia  
Seu vivo sentimento declarara,  
E onde bastava o leve pensamento,  
Sobejou o gemido, & o tormento.

19

Affistiaõ ao trono omnipotente  
Inimitavel a este umilde canto  
A Paz santa, a Iustiza independente,  
Cõ branca toga, & cõ purpureo mato:  
Presentouse a Iustiza reverente  
A Deidade, que ocupa o trono santo,  
E com suave voz, bem que severa,  
Repete o que no peito considera.

20

Eterno instituidor das monarquias  
( Dice) de cuja mente sempiterna  
Se derivão os fins, & as melhorias  
Dos cetros, cõ q̃ o mûdo se governa;  
Que tem chegado ja, parece, os dias,  
Em que cumprais hũa palavra eterna,  
Que dêstes, Rei dos Reis, Deos soberano,  
A Afonso Rei Primeiro Lusitano.



21

Atenuouse a geração famosa  
 Decima sexta na Africana terra,  
 Onde com sede de onra religiosa  
 Passou por vosso nome a fazer guerra;  
 E sta atenuação sempre chorosa  
 A Portugal de Portugal desterra  
 As glórias, os trofèos, a eterna fama  
 Dina de hum Reino, que fiel vos ama]

22

Prometestes, Senhor, ao Rei Primeiro  
 Tornar a pôr os olhos piedosos  
 Neste Reino leal, dandolhe erdeiro,  
 Que restaure seus males rigurosos;  
 Ia aveis sido leão, sede cordeiro  
 Compassivo a seus danos licenciosos,  
 E pois vossa palavra reconheço,  
 Se umilde o rogo, confiada opeço.

23

De Dom IOÃO, que he Duque de Bragãça,  
 Bem conheceis os dotes, & o direito,  
 Que ao Reino tem, de cuja posse o lãça  
 Hũ poder q̃ o reduz a Estado estreito:  
 E chega a tanta audacia a confiança,  
 Que ao soberbo rigor o faz sojeito,  
 Que determina, sò por umilhillo,  
 Que vã saber o Duque, que he vassallo.

Agor



24

Agora, Eterno Deos, agora cabe  
Acodir ao aperto mais nocivo,  
Para que a Tirania se não gabe,  
Que a Iustiza prostrou cõ braço ativo:  
Fazei, Senhor, q̃ saiba quem não sabe,  
Que ha neste peito meu distributivo  
O attributo immortal de vosso gremio,  
Castigo para o mào, para o bó premio.

25

Suba pois o piadoso Lusitano  
Ao trono hereditario, que usurpado  
Por injuria possue o Castelhano  
Mais em força, que em causa, confiado:  
Libertese do Imperio do tirano  
Este Reino por vos edificado,  
Impere Dom I O A O Quarto reine, & mãe,  
Exalte-se o modesto, & caia o Grande.

26

A qui callou. Ea Paz, que estava atenta  
As razões, que a Iustiza pronunciara,  
Com semblante alterado se apresenta,  
E assim fallou com voz umilde, & clara;  
Detem a espada ( diz ) sanguinolenta,  
Que na balança eterna se prepara,  
Suspende teu rigor, Iustiza amiga,  
Olha, no que propões, quanto periga.

Ameaçã.



27

Ameaçando està fatal ruina  
Da Coroa de Espanha à maior parte,  
Ia dentro em seus limites se fulmina  
O estrépito mortal do orrendo Marte:  
Catalunha com gente peregrina  
Bellicosa, & capaz de esforço, & d' arte  
Ia aclama (grão prodigio nesta idade!)  
A saborosa voz da liberdade.

28

Ia o assenso comũ, posto que esconde  
As obras ou por medo, ou por respeito,  
Com animo uniforme corresponde  
Ao som da novidade bem aceito:  
Apenas tem lugar Espanha, aonde  
Não salte o coração fora do peito  
Por guerra, guerra. E se eu não fora, logo  
Se publicàra aguerra a sangue, & fogo.

29

D' estes universaes estrondos, d' esta  
Geral ruina, que a soberba Espanha  
Com ameaços bellicos infesta  
Pronosticando perdição estranha:  
Onde menos retumba a voz molesta,  
Onde menos se vê guerra tamanha,  
He Portugal, a cuja nobre terra  
Escasso chega sò o eco da guerra.

Pacífico



30

Pacifico obedece ao Cetro de ouro  
Do Castelhano Rei, q̃ em paz segura  
Presume ter de toda Espanha o louro,  
Que aquirio por herança, ou por vêtura:  
Discurfa tu a que terra, a que tesouro  
Não prostra, & não esgota a guerra dura:  
Pois sem guerra, Iustiça, que esperança  
Teràs de conseguir tanta mudança?

31

A Felipe o Segundo de Castella  
Aclamou Portugal seu Rei primeiro:  
Que fosse por direito, ou por cautela,  
Ia tem herdado o titulo o Terceiro:  
Sua posse he tão larga, que com ella  
Corada com o titulo de herdeiro  
Basta para excluir qualquer direito  
Do Principe, que julgas mais perfeito.

32

Quanto mais que eu não sei, q̃ segurãça  
Possas dar ao designio, que decretas,  
Se ao primeiro Felipe por herança  
Derão estas Coroas os Planetas:  
E se imaginas, que o teu Duque alcãça  
Direito a Portugal, as leis quietas  
Podem fazer que seu valor se entenda;  
Iulgue a jurisprudencia esta contenda.

Olha

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central



33

Olha para Felipe, o que prudente  
Se intitulou, verás, que lhe cabia  
(Por ser, qual foi, varão, & decendete  
Del Rei Dom Manoel ) a Monarquia:  
Aquelle Dõ Manoel, aquem o Oriente  
Rendeu as gaias, com que enfeita o dia,  
Foi pai da Emperatriz mãi de Felipe:  
Quem pôde pois aver, q se anticipe?

34

Diràs tu, que a Princesa Caterina  
Neta do mesmo Rei té melhor parte  
No Reino, melhor causa, & q he mais dina,  
Por ser filha do Infante Dom Duarte;  
Mas de que modo alinha feminina  
( Se o vinculo do Reino se não parte )  
Has de antepôr, iustiça, ao varão forte,  
Que sò por ser varão melhora a sorte?

35

Avendo pois nos grãos hũa igualdade,  
Pois ambos netos são do Rei ditoso,  
Pelo sexo Felipe, & pela idade  
No titulo prefere magestoso:  
Cesse per tanto, cesse a novidade,  
Que inculcas a este Reino venturoso,  
Deixa a guerra, iustiça, mete pazes:  
Que assim contigo mesma satisfazes.

Dice



36

Dice. Mas a Iustica pondo a vista  
No fiel immutavel da balança,  
Aquem não ha respeito, que resista,  
Nem temor, que inquiete a segurança;  
Fazendo na memoria breve lista  
Do que propunha a Paz, com téperãça  
Do rigor; mas no efeito rigorosa  
Deste modo replica a Paz medrosa:

37

Atè quando (lhe diz) Paz, atè quando  
Queres, que sofra minha espada justa  
A sojeição do cativoiro infando,  
Que à gente Portuguesa tanto custa?  
Atè quãdo ha de estar de mim triufado  
Com teu favor a tirania injusta?  
Atè quando teu ocio finalmente  
Ha de embotar de Luso o brio ardête?

38

Confessas, que já Elspanha é guerras arde  
Parte no affecto, & parte no exercicio,  
E estará Portugal, sendo covarde,  
Por extremo de umilde dâdo em vicio?  
O beneficio, quando chega tarde,  
A penas se nomeia beneficio:  
Se ha de acodir a Portugal meu braço,  
Não morra em dilações o bẽ, que faço.

Que



39

Que importa, ò Paz, q̃ do geral rebate  
Sò chegue o eco à Lusitana terra,  
Se sofre com os ecos mais combate,  
Que os outros Reinos có a mesma guerra:  
Que guerra pode aver, que pior trate  
A hũ Reino, q̃ esgotarlhe quãto encerra  
De sustícia, rasgãdolhe as entranhas  
Para sollicitar guerras estranhas?

40

Eu não pretendo guerra, meu intento  
Não encontra o sossego à monarquia;  
Sò pretende meu justo pensamento,  
Que reine livre quem reinar devia:  
Se a ambição afectar atrevimento  
Contra o recto motivo, que me guia,  
A defendello estou aparelhada:  
Que esse he o preciso éprego d'esta espada.

41

Se apaz he destruição da liberdade,  
Do esforço, do valor, & da virtude,  
Para buscar segura utilidade  
Melhor será. q̃ é guerra apaz se mude:  
Naça da guerra a paz: q̃ a âtiguidade,  
Que he mestra dos Estados, a isto allude,  
Quido aprovou por boa a paz, q̃ custa  
Boa guerra, & a boa sempre he justa.

E quanto



42

Equanto aoque argumentas do direito,  
Que tinha a Portugal o Castelhana  
Sempre dos Portugueses mal aceito,  
E sempre rebatido com seu dano:  
Quando opelasses no fiel direito  
D' esta balança, viras teu engano:  
Não tem direito, não, nem lho concede  
A Iustiza immortal, que aDó Ioaõ pede.

43

Nem posse lhe aproveita, nem compete  
Propriedade àlgũa ao de Castela,  
Por mais abonações, que lhe promete  
Esse injusto temor, que te desvela:  
Porque não val a posse aquem se mete  
Com mã fê, por violência, ou por cautela  
Intruso na aprenção do alheio estado;  
Acto de toda a lei sempre estranhado.

44

E paraque melhor te signifique  
Do que proponho a causa averiguada,  
Sem que cõ digressões o certo implique,  
Dãme atenção hũ pouco, Paz amada:  
Supõe, que o Cardeal Rei Dõ Enrique,  
Por deixar Lusitania se Tegada,  
Quis, que nesta coroa succedesse  
Quem mais direito à successão tivesse.

Antes



45

Antes que lhe chegasse o fatal dia;  
Que ao mais largo poder he termo estreito;  
Porque se deferisse a monarquia  
Ao justo successor; não ao eleito,  
Mandou, que quem o Reino pretendia,  
Pela tela ordinaria de direito  
A codisse a allegar o fundamento  
De sua pretensão, de seu intento.

46

Com outros, de que já se não duvida  
Felipe, & Caterina litigavão  
Ventilando-se a causa defendida,  
E impunada d'aquelles, que a tratavão:  
Antes de se julgar, faltou a vida  
A Enrique. E dos q̃ nella se empregavão  
Hūs por fraqueza, & outros por cobiça  
Esquecêrão os meios da justiça.

47

Felipe mais, que todos, poderoso  
Antecipou as armas, & a cautela,  
E conduziô exercito orgulhoso  
Da milicia melhor, que vio Castella:  
Ao som dos atambores belicoso  
Fez decidir a causa, sendo nella  
Os juizes inabeis, corrompidos,  
Fora do Reino; & ao temor rendidos.

De

48

De cinco lhe dão tres o não devido  
Cetro contra a opinião de toda a gête,  
Cujo voto na força delvalido  
Se rendeu ao poder mais insolente:  
Sendo o Reino por força conseguido  
Dos mais, & sendo a poucos cegamête  
Comprado, o Castelhana dice dele:  
*Conquistêle, compêle, i eredele.*

49

Iâ pois se vê, que estando principiado  
O juizo, Felipe não podia,  
Sem cometer delito de atentado,  
Interromper a lide, que pendia:  
E que antes do processo ser julgado  
Por legitimos termos, não devia  
Apossarê do Reino, que primeiro  
Se avia de julgar ao justo erdeiro.

50

Sem embargo de tudo, o Castelhana  
Armado se meteu com mão violenta  
Na possessão do Reino Lusitano,  
Que minha espada restaurar intenta:  
Mal podia a violencia, mal o engano  
Dar posse justa da Coroa isenta;  
As Leis o dictaõ, a razão o clama:  
Digao toda a escriptura, & toda a fama

B

Não



51

Não prescreveu a posse mal havida,  
Postoque doze lustros conservada:  
Pois era por direito resistida,  
Quanto foi por violencia mal fūdada:  
As leis daõ, que ha de ser restituída,  
Quando foi a Republica enganada:  
Enganado està Luso: quem ignora,  
Que té restituição, & que a implora?

52

Até o presente nunca Luso teve  
Copia de obrar o que quísera logo,  
Porq̃ estava o poder gelado em neve,  
Quãto estava o desejo ardêdo é fogo:  
Agora tem lugar, agora deve  
Armar com graõ valor o marcial jogo:  
Sem que o direito seus decretos torça,  
Restaure força justa a injusta força.

53

Não menos manifesto fundamento  
Lhe nega ao Castelhana a propriedade  
Posto que diz teu débil argumento,  
Que os Felipes reinãrão por erdade:  
Que injusta lei, que cego entendimêto  
Injustiça tão clara persuade?  
Se queres conhecer a quem cõvinha,  
Vê a representação, observa a linha.

Ei.

54

*El Rey Dom MANOEL*, a cuja gloria  
Maior, que o giro do Planeta de ouro,  
He curta toda a rima, & toda a istoria,  
He breve toda a palma, e todo o louro:  
Despois que eternizou sua memoria  
Cõ trofèos immortaes do Trace, e Mouro,  
E com triunfos da fè, que se estendia  
Por suas armas, mais que a luz do dia.

55

Trasladado a reinar em melhor parte,  
E a coroarse de hũa, & outra estrellã;  
Entre as quaes assistio Divino Marte  
Mais dino de gozar a esfera bella:  
Deixou filhos, *O Infante Dom Duarte*,  
*Dona Isabel* Rainha de Castella,  
*E Enrique Cardeal*, que despois teve  
A coroa de Luso tempo breve.

56

Primogênito foi *Dom IOÃO Terceiro*  
Possuidor do cetro Lusitano  
Cujõ filho *Dom Ioão* pagou primeiro;  
Que o generoso pai, o feudo umano:  
Seu neto *Sebastião* foi seu erdeiro,  
A quem tirou o barbaro Africano  
Avida, ou a coroa: que ainda agora,  
Se a perdição se sabe, o mais se ignora.

B 2

Sebas.



57

*Sebastião* não tinha decendente,  
 Passou ao transverfal a regia erdade:  
 De hũ Rei, q̃ professava esforço ardête,  
 A hũ Rei, que professava piedade:  
 Trocou *Enrique* o báculo clemente  
 Pelo cetro da justa Magestade:  
 Morreu sê decendencia, & quis opovo  
 Gozar dos trâlversaes outro Rei novo

58

Filha de *Dom Duarte Caterina*  
 Representando o mesmo *Dom Duarte*  
 Com a prerogativa masculina  
 Na pretensão sustenta a melhor parte:  
 Que, como o pai, se a dura Libitina,  
 Que as pretensões do mûdo atalha, e parte,  
 Lhe não trouxera o ultimo gemido,  
 Seria na coroa preferido.

59

Do mesmo modo preferencia tin h  
 Per representação privilegiada  
 A filha generosa, aquem convinha  
 A erança por injurias usurpa a:  
 E basta, que estivesse em melhor linha,  
 Para ter a intenção melhor fundada:  
 Se queres brevemente vêr a prova,  
 Ouve a resolução, que não he nova.

Para

60

Para se deferir algũa erdade,  
Que de vinculo tenha semelhança,  
Toda a jurisprudencia persuade,  
Que hũ d' estes quatro titulos a alcança:  
Segue-se a linha, o grão, o sexo, a idade  
Por ordem sucessiva: E nunca a erança  
Faz a outra linha salto, sem primeiro  
Faltar na preferida todo o erdeiro.

61

Por morte de *Manoel* fez linha a parte  
Cadaqual de seus filhos generosos:  
E pois na erança, que se não reparte,  
Sempre são os varões mais venturosos:  
Entra a linha do *Infante Dom Duarte*,  
E os decendentes della são forçosos  
Sucessores do titulo mais alto:  
E avendoos, nunca o Reino fará salto.

62

Logo pois *Caterina* he decendente  
Na linha de *Duarte*, *Caterina*  
Prefere na coroa ao Rei prudente,  
Não prudente na força, que fulmina:  
E sobre tudo, ó Paz, não he decente,  
Que se una com coroa peregrina  
A coroa de Luso, se investigas  
Os costumes do Reino, as leis antigas.

B 3

Quanto



63

Quanto mais q̃ ainda a ser o Castelliano  
O sucessor legitimo de Luso,  
E a não ser por violencia, & por engano  
Na injusta possessão do Reino intruso:  
O cetro tem perdido por tirano  
Da monarquia, & pelo enorme abuso  
Da Magestade, tendo violentado  
Juntamente o profano, & o sagrado,

64

Se observas na prudente fantasia  
Os comũs da Politica estatutos  
Em que consiste a injusta tirania,  
Veràs, que te respondem resolutos:  
Que aquelle, que carrega a monarquia  
Com peso intoleravel de tributos,  
Posto que tenha otitulo propicio,  
He tirano do Reino no exercicio.

65

O que empobrece o povo: O que procura  
Nova guerra: O que tira da cidade  
O poder, & o saber por ter segura  
Do valor a ambição, & da verdade:  
Se aqui consiste a tirania dura,  
Iulga, Paz, que maior calamidade  
Pode ter Portugal da que padece  
No barbaro governo, a que obedece.

De tão

66

De tão grandes tributos o carrega  
Felipe, que já o povo sustentallos  
Não pode, por q̃ a carga informe chega  
A mudar em cativos os vassallos:  
Tanto empobrece já a cobiça cega  
Os òmēs, pretendendo sò cansallos,  
Que oprime injusta, porq̃ mais te doas,  
Não sò já as possessões; mas as pessoas.

67

As guerras, que de novo multiplica,  
O Paz, são tantas, q̃ em razão me fūdo,  
Se me atrevo a dizer, que se pública  
Enemigo comū de todo o mundo:  
Seu maior aparato se fabrica  
No pobre Portugal, cujo profundo  
Assento d'armas, & guerreiros nobre  
De guerreiros, & d'armas fez já pobre.

68

Os varões, de valor, os celebrados  
Nas artes liberaes, & os de mais porte  
Da saudosa Patria desterrados  
Por engano convoca à sua Corte:  
Validos os injustos, mal premiados  
Os de merecimento, sem que importe  
O vicio, ou a virtude, a razão geme,  
E se ha mais que temer, ainda se reme.

B 4

Pregūta



69

Pergunta agora á lei, que justa pena  
A hũ Principe tirano se promete?  
Veràs sem controversia, que o condena  
Como a quem força publica comete:  
Quem padece esta força a lei ordena  
(Se he necessario, q̃ ainda ta interprete)  
Que possa desforçar-se, & lhe permite,  
Que aforça audaz cõ outra força evite.

70

Tambem dispoê, que aquelle, q̃ atrevido  
Despoja outro da posse que sustenta,  
O direito da cousa tem perdido,  
Sò porque cometeu acção violenta:  
Logo ainda que Felipe fora havido  
Por Rei legal, constando, que frequêta  
Tiranicas acções, bem pode o povo  
Desforçar-se aclamado outro Rei novo.

71

Não será o Duque pois quem este efeito  
Procure, ainda que tenha faculdade,  
Porque nê de ambição fique suspeito,  
Nem o usucapião allegue idade:  
O mesmo Reino, a quem este direito  
Compete, recupere a liberdade:  
E posto nella, então ao Duque chame,  
Para o cetro o eleja, Rei o aclame,

Que

72

Que como contra o Reino não procede  
A prescripção, que acaso allegaria  
O Catolico Rei, se não excede  
A memoria dos òmens mais tardia:  
A restituição, que o Reino pede,  
Muito d' este limite se desvia:  
Que, se bem padeceu danos eternos,  
Sòmente os padeceu sessenta invernos.

73

Restituáse pois ao livre estado,  
Em q a morte o deixou d' elRei Enrique,  
Aclame liberdade confiado,  
E logo ao Rei legitimo se applique:  
Que quando o Reyno fica despojado  
De legitimo Rei, que o modifique,  
Ao mesmo Reino toca sem contenda  
Chamar Rei, q o governe, & q o detêda.

74

Por tanto se pretendes, Paz amiga,  
Não estragar o justo, & o decente,  
Podes fazer comigo justa liga,  
Em que o meio se dê mais conveniête:  
Meu intento magnanimo se siga,  
E tu, pois teu estilo to consente,  
Juntamente obraràs. Vamos à terra  
Fazer justiça, & suspender a guerra.

*Fim do Primeiro Canto.*



## CANTO SEGUNDO

1



Ice. E na Providência omnipotête  
O, sim, se conheceu ao q̃ dicêra,  
Por hũ aceno breve, a q̃ obediête

Os exos move toda a clara esfera:  
Conhecida a vontade independente,  
A pacífica forma, & a severa  
Conformes no decreto, dâdo os braços,  
Tecêrão de amizade novos laços.

2

E medindo por campos de çafira  
Estadios de esplêdor, milhas de estrellas,  
Mais do que o Sol em muitas oras gira,  
Em instantes de luz decêrão ellas:  
Louva o Ceo, o ar aplaude, a terra admira  
A vista breve das sustancias bellas,  
Que, sendo ao mundo luminoso enredo,  
Caminhão para o templo do Segredo.

3

No coração da fabrica pomposa  
Do sabio Grego, cujo antigo muro  
A corrente do Tejo caudalosa  
Vê pagar ao Oceano feudo puro;  
A moderadamente magestosa  
Cabeça empina hũ monte, que seguro  
Faz estribado em si menor jactancia  
Da altura, que da pôpa, & da constância.

Todo

4

Todo o sitio em contorno povoado  
De varios edificios aparece,  
E no mais alto cume edificado  
O templo do Segredo permanece:  
Mostrando a providencia do cuidado  
Misterio no lugar: Pois só merece  
O segredo fiel sagrado abrigo,  
Quando na observação teve perigo.

5

As muralhas de solido diamante  
Constavão, cuja altura peregrina  
Por coroa de ameias rutilante,  
Senhoreando o ar, co Ceo confina:  
A grave pompa, a fábrica elegante,  
Sendo a meteria de admirar-se dina,  
Novas admirações das almas cobra  
No superior da inestimavel obra.

6

Não ha defesa alguma para a entrada,  
Mais que as leis rigurosas da saida,  
Porque na porta nũa a entrar vedada,  
Quãdo sae o Segredo, perde a vida:  
No fim do portal se vê animada  
A imagem do Silencio conhecida  
Em tudo por vivente, & viva em tudo:  
Não falla sô, porque o silêcio he mudo.

Em



7

Em colunas de bronze se sustenta  
O recto de ouro, cuja architectura  
Dos poderes do tempo vive isenta,  
Milagre singular em tanta altura:  
Na artificiosa máquina se ostenta  
Emula a fortaleza, & a fermosura  
Vnindo com primor maravilhoso  
O forte bello, immovel o fermoso:

8

Nas paredes em quadros guarnecidos  
De cedro, & ouro a muda poesia  
Os Heroes imitou, que combatidos  
Tevêraõ no segredo valentia:  
Com rubís pela boca derretidos  
Hũa mulher magnanima se via,  
Que a propria lingua mastigou se medo  
Por guardar o decoro de hum segredo.

9

No lugar mais sagrado se levanta  
Por diversos degrãos hũ trono altivo  
De tanta magestade de luz tanta,  
Que cada raio seu era hũ Sol vivo;  
O resplandor alegre, quanto espanta,  
E mais suave aos olhos, que nocivo,  
Com dar ao Sol intrêpidos desmaios,  
Faz idròpica a vista de seus raios.

Estava

10

Estava na capaz circunferencia  
Do primeiro degrão de pedras, e ouro  
Pitagoras, que ensina a grave sciencia  
Do callar, é q̃ he digno d'hera, e louro:  
A Retorica muda da eloquencia,  
Que no seu peito tem maior tesouro,  
Percebem os dicipulos constantes,  
Quão mais mudos são, mais elegâtes.

11.

Pelos outros degrãos com variedade  
Vistosa tem assento conveniente  
Toda a acção, que da muda Divindade  
Para se conservar he dependente;  
O Amor, a Fortaleza, a Lealdade,  
O Conselho, a Constancia, & finalmete  
Toda a virtude, que excelencias lavra  
Mais por obra immortal, q̃ por palavra-

12

Na mais sublime estancia se imagina,  
Mas não se mostra aos olhos, o Segredo,  
Porque cuberto està de hũa cortina  
De todo o Culto misterioso enredo;  
No véo anima a Arte peregrina  
Hum vulto magestoso, que co dedo  
Quer a boca sellar; mas sem effeito,  
Porq̃ hũa banda azúl o tem já feito.  
Qual



13

Qual o idolo fermoso de Cupido,  
Divindade, q o mundo rege, & mãda,  
Tal vez cruel, tal vez agradecido  
Com rigor doce, cõ crueldade brãda,  
Se mostra pelos olhos impedido  
Com o laço encarnado de hũa vanda:  
Tal à Deidade, que silécio pede,  
A vãda azûl celeste a voz lhe impede.

14

Aqui chêgão com passo diligente  
A Iustiça, & a Paz, a quem não nega  
A lei do templo introducção frequente  
Na estância, a que a idea apenas chega:  
Penetrar a cortina lhes consente  
A guarda, que a cortina não desprega:  
Entraõ, propõe, consultão, & resulta  
Efeito memoravel da consulta.

15

Logo se chamou dentro a Lealdade,  
A quem todo o negocio se comete,  
Dandolhe registrada faculdade  
Do que callar, do que dizer compete:  
Ella com obediente brevidade  
O responder à execucao remete:  
Deixando templo, corta os ares puros,  
E gira atenta de Vlissea os muros

Agora

16

Agora, Musa heroica, agora inspire  
Teu favor no meu peito valor tanto,  
Que nũa o tẽpo oprima, & sẽpre admire  
A empresa gloriosa de meu canto:  
Das proprias aras do Segredo tire  
Alguns nomes eternos meu espanto  
Dos q̃ chamados para acção tão nobre  
O segredo, que guardão, mos encobre.

17

A Lealdade pois com voo brando  
O edificio de Vlisses rodeava  
Com atençãõ sollicita buscando  
Varoẽs dinos da empresa, que levava:  
Tantos via magnanimos, que, quando  
O encomendado numero notava,  
Na copia do valor empobrecia,  
Se hũs escusava, & outros escolhia.

18

Mas evitando excessos do preceito  
Que o Segredo lhe deu sẽpre observado,  
Quarenta convocou, numero eleito,  
Que despois foi a mais comunicado;  
Hum *Pedro de Mendoça*, em cujo peito  
Sempre fiel, sempre ao temor vedado  
Bem se empregou a nobre confiança,  
Que nunca nos perigos fez mudança.

Hum



19

Hum *Dom Miguel d' Almeida*, q̃ pudera  
Dar lições a Nestor na nossa idade,  
Cuja prudencia nenhũ caso altera,  
• E famoso no amor da liberdade:  
Hum *Dom Antonio Tello*, a quẽ rendera  
Cesar sua maior felicidade;  
Mas ai! que Lusitania já deseja  
Seu valor, a que a Parca teve enveja.

20

*Fernão Telles* illustre, em quem reside  
Tesouro inestimavel de prudencia,  
E *Antonio Telles*, que tambem preside  
Nos aplausos da bellica excellencia:  
Pollux, & Castor são, em quem divide  
O affecto tão ardente preeminencia,  
Que repartirão, já que não a vida,  
Esta parte das almas mais luzida.

21

Hum *Dom Gastão Coutinho* q̃ igual parte  
Alcãça ao forte Deos da esfera quinta  
Aventejando ainda ao proprio Marte  
Pois já na terra tem gloria distinta:  
Hũ *Dõ Ioão da Costa*, é quẽ toda a arte  
Equestre as perfeições pratica, & pinta  
Tão forte, & tão airoso, que se iguala  
A Eitor, & Adonis em valor, & é gala.

Basta

22

Bastavão para patrias alegriãs,  
 E para suspenção da gente estranha  
 Hũ *Antonio*, hũ *Ioão*, hũ *Sancho Dias*,  
 E hũ *Aires*, todos gloria de *Saldanha*:  
 E tu, que ao mesmo *Aquilles* desafiãs,  
 Quando a cavallo pisas a companhia,  
 Valeroso *Rui de Figueiredo*  
 Onra da Patria, & dos cõtrarios medo.

23 FACULDADE DE PHILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

E teu irmão *Enrique*, a quem reserva  
 O Ceo no quinto globo grande parte,  
 Porque deixou a escola de *Minerva*,  
 E à escola se applicou do grande *Marte*:  
 Hũ *Tristaõ de Mendoça*, é que se observa  
 Toda a opinião, q̃ o nome lhe reparte,  
 Pois quãto o tẽpo à fama o tẽ furtado,  
 Tanto oje seu valor tem restaurado.

24

Iã para repetir os grandes *Mellos*  
 Cõ grãde voz a obrigação me chama,  
 Hũ *Iorge*, & hũ *Manoel*, q̃ parallellos  
 São dos que sobe ao Ceo aeterna fama:  
 Hũ grãõ *Martim Afonso*, que modellos  
 Darã do affecto, cõ que a Patria se ama:  
 Pois ao *Monteiro mór*, ao mór *Porteiro*  
 Quem lhes ferã segundo, nẽ primeiro?

C

Hũ



25

Hum nobre *Dom Antonio Mascarenhas*  
 Exemplo fiel de Portugal antigo,  
 Que cõpete em cõstancia cõ as penhas  
 Mais firme, quando vê maior perigo:  
 Cuido, metrico ardor, q̃ te despenhas  
 Sobejamente audaz, & a mim contigo,  
 Se queres fazer copia epilogada  
 De *Dom Antão*, & *Dom Luis d' Almada*.

26

Bem pode ser a fama testemunha  
 Do que merece à Lusitana terra  
 O generoso titulo de *Cunha*  
 Sêpre dino de nome é paz, & é guerra:  
 Para esta empresa deu *Simão da Cunha*  
 E *Tristaõ*, & seu filho, em quẽ se encerra  
 Grãde valor não menos em seu gẽro,  
 Rolim nos brios, se nos anos tenro.

27

Hum das batalhas singular corisco,  
 Que mais violẽto ofed' ao q̃ he mais forte,  
 Se mostra *Dõ Thomàs*, & hũ *Dõ Frãcisco*  
 De *Noronha*, q̃ excede as leis da Morte:  
 Outro do meſmo nome maior risco  
 Prometia a Castella; mas a sorte  
 Este só lhe outorgou. O quanto perde  
 Neste bizarro moço *Villaverde*!

Quand

28

Quando dos *Souzas* a dizer me incito  
Num *Tomé*, & num *Diogo* a qualidade,  
De seus merecimentos o infinito,  
O que he lisonja é outros, faz verdade:  
Porem de grande alento necessito  
Para cantar o esforço, & lealdade,  
Que *Dom Francisco* no que sabe, & ousa,  
Comunicou ao titulo de *Souza*.

29

O que admirado as excellencias figo  
Dos *Meneses*, q̃ encôtro nesta empresa!  
*Dom Antonio Luis*, & *Dom Rodrigo*  
Deu *Cantanbede* à esfera Portuguesa:  
*Dom Antonio* rompeu todo operigo,  
*Dom Rodrigo* a justiça faz Princesa,  
E *Dom Afonso* avêtajarse ordena  
A *Cesar* pela espada, & pela pena.

30

*João Pinto Ribeiro*, que conserva  
Com aplauso geral de todo o polo  
Os melhores tesouros de *Mínerva*,  
As artes mais armonicas de *Apolo*:  
D'aquella estimação, q̃ afama observa  
Nas douradas areias do *Pactolo*,  
O preço abate: porque está primeiro  
A laureada opinião deste *Ribeiro*.

C 2

Dom



31

*Dom Alvaro d' Abranches*, também chama  
 Dino de grande musa meu cuidado,  
 Mais linguas, maior voz quer dar á fama  
 E ficar ao Tebano aventajado:  
*Francisco de Sampaio* illustre rama  
 De Villafior merece ser cantado  
 Pelos grandes alentos, com que alcáça  
 Muito na posse, muito na esperança.

32

*Do Conde d' Atouguia* eu asseguro,  
 Que todo o mûdo admire, e não cóprêda  
 Na idade verde aviso já maduro,  
 Que junto cõ riqueza he maior prêda:  
*Dom Francisco Coutinho* está seguro  
 De que presuma alguém fazer cõtêda  
 Co valor, que em seu animo reside:  
 Emfim luz d' *Atouguia*, & de *Taide*

33

*João Rodriguez de Sá*, que a Real praça  
 De Camareiro mór ocupa ufano,  
 Em juvenil valor prudente enlaça  
 Eroico esforço, engenho soberano:  
 Armado tempestades ameaça,  
 Galante rouba as almas por umano,  
 No saber ansiaõ, no ardor mancebo,  
 Marte nas armas, nas sciencias febo.

Dom

34

*Dom Rodrigo da Cunha*, que já estrago  
Foi dos ereges, & despois fôsteve  
Do *Porto alegre*, & do de *Calle* o bago  
A seus merecimentos premio breve:  
Ainda na *Primazia* foi mal pago,  
Ainda a seu peito galardaõ se deve,  
Postoque goza em *Vliffeas* luzes  
A candida *Tiara*, & as duas *Cruzes*.

35

He magoa, que me oprime o sofrimêto,  
Não repetir de todos a memoria;  
Mas guarda a seu vivaz merecimento  
A trombeta immortal famosa istoria:  
Perdoem a ignorancia a meu accento,  
Que lhes não nega meu affecto a gloria,  
Nem meus versos pretêdem lisôjeiros  
Preferir aos segundos os primeiros.

36

Com estes, & outros, q̃ de igual nobreza  
São lustre, fez o numero ordenado  
Para ministros da maior proeza,  
Que sabem os anaes, o fiel legado:  
Eltes em que fundou tanta grandeza,  
Convocou com sollicito cuidado  
Ao tēplo do Segredo: Elles não tardaõ,  
Seus passos segué, seu decreto aguardão

C ;

Por



37

Por modo misterioso comunica  
O Segredo a seus peitos o decreto,  
Que em cada idea dos eleitos fica,  
Como nas aras immortaes, secreto:  
A admiração aplaude, & não implica  
Discursos no juizo mais discreto,  
Fazendo aquelles corações valentes  
Mais admirados, quão mais prudêtes.

38

*Alloão Pinto Ribeiro* se p. elcreve  
O q se ha de observar na épica activa,  
A cujas ordês obediencia deve  
Que mais discurso, & mais valor aviya:  
Da Lealdade obra foi, que nunca teve  
A maior sojeição por excessiva:  
E do sabio *Ribeiro* a graõ prudencia  
Bem merece dos fortes a obediencia.

39

Ficando emfim seus animos constantes  
Nas aras do Segredo, & a Deidade  
Traduzida a seus peitos vigilantes  
Por obra superior da Lealdade:  
A iustiza, & a Paz pelas radiantes  
Esferas tornão à immortal cidade,  
E os Eroses, q não té noimundo exéplo,  
Deixaõ alegres o sublime templo.

Era

40

Era do tempo na estação ignava,  
Quão Quiron furtar ao Sol se atreve  
Raios de ouro, q guarda para a aljava,  
Egasta liberal raios de neve:  
Quando as calendas decimas contava  
O circulo solar com luz mais breve,  
E quando em fim a Igreja repetia  
Vesperas certas do ignorado dia.

41

O Sol có força alegre mais, que activa,  
Na campina dos ares toca a guerra  
Cõtra a tirana acção da noute esquiva,  
Que lhe usurpa o imperio sobre a terra:  
As aves, que então cãtão, gritão: viva,  
Viva o Sol agradavel, que desterra  
As tiranias, com que a noute escura  
Mostra o terror, esconde a fermofura.

42

E ja os restauradores generosos  
Da Patria a seu valor agradecida  
Os peitos alentavão religiosos,  
Cõ o' paõ, q he penhor da eterna vida:  
Logo prudentemente valerosos  
Eroica esquadra em hũ affecto unida  
Para o Paço caminhaõ, bẽ q armados,  
Mais em razão, q em armas, cõfiados.

C 4

Nem



43

Nem callarei por singular empresa,  
Que maiores encomios merecia,  
D' hũa Eroica senhora Portuguesa  
O animo, o valor, a bizaria:  
No verdadeiro amor da Patria acesa  
A illustre mãe do Conde da Atouguia  
Os filhos com a propria mão armara,  
E para a acção, que sabe, os exortara.

44

Com divisão unívoca entretidos  
Andavão esperando a fatal ora,  
Na maior advertencia divertidos  
Não dão que sospeitar a quẽ a ignora:  
Quanto mais espalhados, mais unidos,  
Pela Real estancia se melhora  
Seu partido incapaz de todo o medo  
Na observãcia inviolavel do segredo.

45

No sonoro metal, que o tempo mede  
Por circulos, & pesos governado  
Com artificio, que o violento impede,  
E com modo, que solta o moderado:  
Nove vezes a clausula succede  
Do ferro em movimento cópassado,  
Termo fatal para a maior façanha,  
Que cõta a patria historia, nẽ a estranha.

Acodem

46

A còdem logo em individuo espaço  
A óde a Guarda Alemã a entrada sella  
Com solícito ardor ao regio Paço  
Pelo amor mais guardado, q por ella:  
Cortase logo aqui oprimeiro laço  
Da servidão odiosa de Castella  
Ao som de hũa pistola, a cujo estouro  
Abrio a Liberdade seu tesouro.

47

Querem os Alemaës com cego brio  
As armas defender aos Lusitanos  
Ignorando o suave senhorio,  
Que o répo lhe escòdeu por tãtos anos:  
Alguns se rendem logo ao medo frio,  
E as costas voltaõ aos futuros danos,  
Mas outros atrevidos sem prudencia  
Emprendem temeraria resistencia.

48

O que mais contumaz na inútil guarda  
Do bético instrumento se exercita,  
Quãto mais é renderse a Luso tarda,  
Contra si mesmo maior dano incita:  
Ganhoulhe a formidavel alabarda  
*Francisco Brandão Freire*, a quẽ irrita  
Versê ferido já, mas afetida  
Paga o Alemão forte com a vida.

la Tristaõ



49

*Ia Dom Castão Goutinho se embarça*  
 Com outro, que devalde se defende;  
 Porque cõ elle o Português se abraça;  
 E a suas forças o Alemaão se rende:  
*Francisco de Sampaio* tinha traça  
 De dar a morte a outro, que pretende  
 Resistir a seus brios atrevido;  
 Mas elle achou fugindo bõ partido.

50

Com grão valor *Rui de Figueiredo*  
 A hũ valente Alemaão raio do Norte  
 Ora provoca a ira, & ora a medo  
 Com ameaços pallidos da morte:  
 Este, antes de fugir, parte d' hũ dedo  
 Cortou ao Português discreto, & forte,  
 E logo o dedo aproveitou a istoria  
 Para escrever á fama esta memoria.

51

*Tomè de Sousa* com esforço ardente  
 Cõtra dous Alemaes a espada esgrime:  
 O primeiro escapou por diligente,  
 O segundo se rende a quem o oprime:  
 O resto do esquadraõ, q as forças sête  
 De Luso, & não té força, q o anime  
 Contra o valor, a qué nenhũ se iguala,  
 As armas deixa, & desempede a sala.

Neste

52

Neste tempo entoava o grave accento  
De Dom Miguel d' Almeida: LIBERDADE:  
Liberdade, tambem respóde o vétto,  
Que em mil ecos repete a suavidade:  
Teve aqui a tirania seu torméto,  
Teve aqui sua gloria a lealdade,  
E a mesma voz nos ares repetida,  
Mortificando a hũs, a outros dà vida.

53

Entre tanto o esquadrão mais alentado  
Dos nobres, desprezãdo a menor presa,  
Passa ao Quarto do Forte, ôde alojado  
O jugo està da gente Portuguesa:  
Este era da façanha o mór cuidado,  
Este era o mór perigo d'esta empresa;  
Aqui nũa cabeça consistia  
Todo o cego poder da tirania.

54

Estavas, ò Miguel, em vil sossego  
De Portugal gozando o verde fruto  
No cume da ambição soberbo, & cego,  
Que não cõsête o Ceo, q̃ dure muito;  
Do Guadiana ao Minho, do Mõdego  
Ao Tejo pretendias vêr enxuto,  
Esgotando tributos das ervinhas  
Com a sede immortal, q̃ delles tinhas.

Que



55

Quebrando os privilegios da Nobreza,  
E violando as leis da cortesia,  
Nem respeito guardavas à grandeza,  
Nem guardavas decoro à fidalguia:  
Chorando crueldades a pobreza,  
Sofrendo semrazões a valentia  
Tudo exprimiaõ, padecendo tudo  
Có brados, o sentir, & o sofrer mudo.

56

Na presumpção maior dos atrevidos  
Intentos, que te dava a confiança,  
Chegou dizêdo a fama a teus ouvidos,  
Que era Rei nosso o Duque de Bragãça  
Ficàraõ admirados teus sentidos,  
Ficou teu coração sem esperança:  
Com pena viva, & confiança morta  
Quiseste à morte ferrolhar a porta.

57

Mas *Pedro de Mendoza*, a quem devia  
Portugal grande parte d'esta empresa,  
Porque não descansando noute, & dia  
Foi Mercurio da gloria Portuguesa:  
Vendo, que o Vazconcellos se escôdia,  
Có alma em zelo, & em valor acesa,  
Porque a tardança obêlhe não dilate,  
Com instrumento ferreo a porta bate.

Ren-

58

Rendense a dura tâboa ao ferro durõ  
Impellido da força vigorosa,  
Viõse o caminho a berto, & não seguro  
De turba de criados numerosa:  
Hum, que quis atalhar ao mal futuro,  
Com mão, mais que valente, receosa,  
Dispara hũa pistola, cuja bala  
Na mão a *Antonio Telles* affinala.

59

Não desanima o Porruguês ferido;  
ntes com a ferida mais se alenta:  
Que o sangue illustre pela mão vertido  
Obrigações aos olhos representa:  
Elle, & os mais com animo atrevido,  
A fujentado a quem vedarlho intenta,  
Pela arrombada porta entrarão logo  
Ameaçado aos côtraios ferro, & fogo.

60

Foge correndo o numero covarde  
Vencido âres do medo, que da morte,  
lá não ha quem resista, nem aguarde  
Do fogo o tiro, nem do ferro o corte.  
Hũ, q para correr acha, que he tarde,  
Quer voar da janela do alto Forte;  
Mas, sem q alas de cera o folhe dome,  
Podia dar à terra novo nome.

Qaa



61

Qua l rebanho de ovelhas descuidado  
Cometido ao venavel pegureiro  
Pacendo a relva no viçoso prado  
Ouve o leão rugir nalgum outeiro:  
E do frio temor arrebatado  
Foge deixando o pasto lisonjeiro:  
Tal a timida esquadra se retira  
Antes da voz dos nobres, que da ira!

62

Desempedida a sala, & ja segura,  
Falta cumprir o principal intento:  
Ser autor delle cadaqual procura  
Com brio illustre, com fogoso alento:  
Aquem daria o fado esta ventura?  
Digao a Musa em mais sonoro accêto:  
Hũ sò a consegue; mas por varios modos  
Todos a buscaõ, & a merecem todos.

63

Tanto que o Vazconcellos vio quebrada  
Aporta à cortesia nunca aberta,  
Quis escapar com alma perturbada  
A morte, que sò então teve por certa:  
A hũ lugar escondido se traslada  
Estancia a seus contrarios encuberta,  
Que naõ o achãdo, julgaõ cõ dor alta  
(E bẽ o julgã) q̃ o melhor lhes falta.

Ioaõ

64

João Rodríguez de Sà, que generoso  
Fazer parelha ao das galês aspira;  
Como no tronco, & nome glorioso,  
No esforço singular, q' o mudo admira:  
Ao peito de hũa escrava temeroso  
O que era zelo puro, ostenta em ira,  
Dizendolhe: ôde estã este môstro ingrato?  
Se o não descobies logo, aqui te mato.

65

Teme o peito servil os ameaços,  
Que darião temor a hũ peito forte:  
Palpita o coração, caem os braços  
Da escrava, q' imagina certa a morte:  
E desatando mal da lingua os laços,  
Antes q' o chũbo ardente a voz lhe corte,  
Estã; não dice, alli, muda co medo;  
Mas começa a palavra, acaba o dedo.

66

Estava à parte esquerda hũ dilatado  
Archivo de papeis, que recolhia  
As consultas, & oráculos do Estado,  
Compendio da maior secretaria:  
Este lugar ao Sà foi finalado  
Da escrava, a quem o medo tinha fria:  
Nelle estã o Vazconcellos, nelle espera,  
Não fugir, dilatar a morte fera.

Mas



67

Mas *Aires de Saldanha*, que mais perto  
Acafo està da estancia demonstrada,  
Ao aceno da escrava acòde esperto,  
E abre a porta, q̃ estava mal fechada:  
Apenas vïo o Sà o archivo aberto,  
Quando correndo a elle se trasiada,  
E vê, q̃ entre os quadernos o enemigo  
Representa o delito, & o castigo.

68

Em breve instante a illustre fantasia  
Propoê ao Sà hũa dũvida galharda  
Entre a resolução, & avalentia,  
E quãto hũa o incita, outra o retarda:  
O nobre coração não permitia  
Matar a quem sem armas se acovarda,  
A Patria pede, que animoso o mate:  
Grande foi nesta dũvida o combate:

69

Venceu o amor da Patria ao pensamêto  
Do amor da propria gloria cobiçoso,  
Se bem assim vencido o nobre alento  
Mais glorias aquirio de vitorioso:  
Deu pois a mão illustre movimento  
A hũ raio artificial, que sonoro  
Espalhando relampagos na sala  
No triste Vazcôcellos cospe a bala:

Não

70

Naõ avia mister outra ferida  
Para exalar o espírito anelante,  
Pois da respiração, que anima a vida  
Esta sò foi estrago penetrante:  
Mas a inurbanidade mal sofrida  
De todos por injusta, & arrogante  
Como irritou a muitos, ainda a lcança  
De muitos odio, còlera, & vingança.

71

Ainda o sangue vital lhe palpitava,  
Ainda defunto o corpo se não cria,  
Ainda o calor extrínfco durava,  
Ainda o frio mortal se suspendia:  
Ejá a valente esquadra o despenhava  
Do sublime aposento à terra fria:  
O misero escarmento da insolencia!  
O juizos da eterna Providencia!

72

Este, que nas bonanças de ventura  
Pretendeu exceder-se a si, & a ella,  
Este, que na soberba mal segura  
Factonte foi de Luso, & de Castella:  
Precipitado cae à terra dura,  
Achando apenas morto espaço nella,  
E onde foi adorado, & foi temido,  
Vem a ser desprezado, & abatido.

D

Este



73

Este, que ao Ecclesiastico legado  
Moveu com seus poderes dura guerra,  
Eo fez cair à terra mal tratado,  
Já sem vida, & sem onra cae à terra:  
A prenda aqui o soberbo, & confiado  
Nas auras da fortuna, quanto erra  
A presumpção de hũ cego pêsamento,  
Pois toda a pôpa humana he fumo, & vento.

74

Foi este precipicio delengano  
Vniversal a todos igualmente,  
Que emmudeceu a voz do Castelhana,  
E as vozes animou da Lusa gente:  
Quebrou obrio a quem quisesse ufano  
Culpar resolução tão excellente,  
E acrescentou esforço a quem podia  
As vinganças temer da tirania.

75

Neste comenos *Dom Antão de Almada*  
Com *Dom João da Costa*, & com o *Mello*  
A Princeza de Mantua perturbada  
Segûraõ com solcito desvelo:  
Confusa, receosa, & alterada  
Cria a vida pendente de hũ cabelo,  
Bem que mostrando varonil jaçtancia  
Quão mais teme, ostêta mais cõstácia.

Mas

76

Mas elles reſpeitoſos ao direito  
Do ſexo feminino, & reſpeitoſos  
Ao ſangue Portuguêſ, q̃ aquelle peito  
Erdou de noſſos Principes glorioſos:  
Cortefes lhe prometem mais reſpeito,  
Do q̃ pode eſperar dos que queixoſos  
Sentem as ſemrazões, que a tirania  
Por mão d'eſta Princeſa cometia.

77

Tanto que o Vazconcellos deſpenhado  
Foi miſero eſpectáculo da gente  
Medindo o q̃ ha de injuſto a caſtigado,  
Eo que vai a abatido de insolente:  
Na vingança mortal do vulgo irado  
Sentindo aquelle corpo, que não ſente,  
Toda a calamidade, toda a injuria  
Da raiva livre, da ofendida furia.

78

O fiel *Mafcareñas* animoſo  
Com o *Tello*, & com outros a cavallo  
Diſcorre por Lisboa vitorioſo  
Dizendo, & todos folgão de eſcutallo:  
Viva el Rei D<sup>o</sup> IOÃO *Quarto*: Ao ſo glorioſo  
D'eſta ditosa voz não ha vaſſallo,  
Que com reſolução leal, & altiva  
Mil vezes não reſponda: VIVA, VIVA.

Dz

Aflor



79

*Aflor de Cantanhede* com cuidado  
Dino de seu valor, & lealdade  
Acòde logo ao inclito Senado,  
Onde assiste o governo da cidade:  
O Conde, que preside, ouve admirado  
A relação da eroica novidade:  
Porque reve o segredo tal concerto,  
Que até do filho ao pai foi encuberto!

80

là no Senado a mesma voz se entoa  
Aos ouvidos de todos lisonjeira:  
là do Senado pelas praças voa  
Triunfando nas lisonjas verdadeiras:  
Aclamando a legítima coroa  
*Dom Alvaro d' Abranches* a bandeira  
Real arvora, a cuja vista o povo  
Rende nova alegria, a plauso novo.

81

là *Tristão de Mendoca* conduzia  
Hũa manga fiel de arcabuzeiros,  
Socorro, que a prudencia prevenia  
A qualquer risco aos outros cõpanheiros:  
Mas tanto amor, & tal concordia guia  
Os animos leaes, & verdadeiros,  
Que o que foi providencia cuidadosa,  
Veio a ser na occasiã pompa ociosa.

*Fim do Canto Segundo*

## CANTO TERCEIRO

1



Estituído o Reino Lusitano  
A aquella liberdade, e q̃ odeixara,  
Quão o tributo satisfez umano  
Henrique, & se passou à esfera clara:  
Excluido o imperio Castelhana,  
E sacudida a violencia rara  
De seu jugo, não sendo impedimento  
Armas, presidio, voz, nem pensamento.

2

Os nobres, porque o Reino não careça  
De mão, q̃ as redeas tome à monarquia,  
Porque não seja corpo sem cabeça,  
Por q̃ não falte luz ao novo dia:  
Elegêraõ governo, a que obedeça  
O Reino que ditoso renacia,  
Substituindo luzes a esta esfera,  
Emquãto tarda o Sol, q̃ mais se espera.

3

A nobreza, o senado, & muita gente,  
Que a justa aclamação trouxe consigo,  
Concorrem com affecto diligente  
A o sagrado Palacio do Rodrigo:  
O governo lhe daõ, & elle contente,  
Mostrado a todos o sembrãte amigo,  
O governo aceitou, & sem tardança  
Para o Real Palacio fez mudança.

Johã

D 2

Com



4

Com a pompa, a que então dava licêça  
A suspensão do júbilo sagrado,  
Cõque vingou o Nuncio por sentêça  
A audacia, comque fora desterrado:  
Benino, & agradavel na presença  
Procede entre infinitos o Prelado,  
Com cuja autoridade mais se anima  
O povo, que o venera, & que o estima.

5

Passando pela porta preciosa,  
Que ao melhor Português já foi Oriête,  
A aquelle, que fez Padua venturosa  
Elegendo em seus muros o Occidête:  
O sagrado Pastor a alma fogosa  
Sétio banhar no amor da Patria ardête  
Forçosa inundação do amor divino,  
Que o coração lhe abraça de continuo.

6

O passo suspendeu, & levantando  
As mãos, e os olhos à arvore escolhida,  
Em que morto pendia; mas triunfado,  
Quem nos cõprou à morte cõ a vida:  
Articulando a voz accento brando,  
Mas de veemente espirito nacida,  
Ao retrato de Deos Crucificado  
Assim fallou umilde, & confiado.

Piadoso

7

Piadoso Redemptor da liberdade  
Da Natureza humana, que foi presa  
Na masmorra tirana da crueldade,  
Em q a culpa não tinha outra defesa:  
Vos vistes a mortal calamidade,  
Que padecia a gente Portuguesa  
Na masmorra cruel da tirania,  
De que livrar-se só por vos podia.

8

Por vos, em vos, cõvosco, é vosso nome  
Se principiou a empresa, q inspirastes  
A este Reino fiel, para que tome  
O auspicio, cõque afavel o formastes:  
Profiga pois, Senhor, o auxilio, & dome  
A quem negar o escudo, que lavrastes:  
Empenho he do favor, q ainda não cessa,  
O auspicio, quanto mais hũa promessa.

9

Callou. Mas (ò milagre soberano!)  
Da Cruz se descravou a mão direita  
D' aquelle omẽ divino, & Deos humano,  
A quem a fẽ amorosa foi accita:  
Se algué por pouco amor, ou muito égano,  
Que acaso a mão se descravou, sospeita,  
Advirta, que segunda vez cravada  
Segunda vez admira despregada.

D 4

Que



10

Que declarais à gente Lusitana,  
Senhor, em maravilha tão ditosa?  
Ou he, q̃ a esta obra, mais q̃ humana,  
A vossa mão pusestes poderosa?  
E se toda esta fàbrica mundana  
Tão grande, tão illustre, tão fermosa  
Obra he do vosso dedo, de que modo  
Serà agora a que leva obraço todo?

11

Ou he, que a mão Divina ratifica  
O conselho dos òmens acertado?  
Ou he, que o vosso braço certifica,  
Que està à nossa defesa aparelhado?  
Ou he, que a vossa mão nos significa,  
Que o prazo venturoso he já chegado  
Da promessa, que fez ao Rei primeiro,  
E cõ o dedo o mostra e seu erdeiro?

12

Ou he, que este IOÃO vos representa  
A quelle Precursor Divino, a quelle,  
Que no Iordão co dedo vos ostenta,  
E Precursor quereis mostrarvos delle?  
E como a mão de glorias opulenta  
A aquelloutro assiste, lhe assiste a elle,  
E sendo Redemptor de todo o mudo  
Mostrais a Portugal este segundo?

Ou

13

Ou he, que, restaurada a liberdade  
Da gente sempre vossa Portuguesa,  
Soltando se comnosco persuade  
Vossa mão, que cónosco estava presa?  
Ou para dar o cetro, a magestade,  
E a coroa de Luso nesta empresa  
Ao nosso Rei DOM IOÃO se embaraço,  
Se solta vossa mão, se estende obraço?

14

Ou he, q̃a mão direita, é que se encerra  
O piadoso tesouro da brandura,  
Misericordias abre à nossa terra,  
Que, porq̃ he vossa, as gozará segura?  
Ou he, que vossa mão nos desencerra  
Do carcere cruel, da prisão dura  
Do estranho jugo, & com favor suave  
Desprega a mão para voltar a chave?

15

Tudo será, Senhor, que tudo espera  
Este Reino fiel, que em vos confia:  
Pois o que em muitos anos padecera,  
Vossa mão lho restaura em hũ só dia:  
Encontrenos embora quem se altera  
Fiado na paciencia, que em nos via,  
Pois temos vossa mão, q̃ omnipotente  
Assiste protectora à nossa gente.

Tomando



16

Tomando no favor do sacro braço  
Seguras melhorias de esperança,  
Procede o Arcebispo em breve espaço  
Para onde já o levava a confiança:  
Estava já o Primaz no Regio Paço,  
Com quem o de Lisboa sem tardança  
O q̃o estado das cousas mostra, & pede  
Consulta grave, diligente expede.

17

Iã *Dom Gastão Coutinho* nesta ora  
Em companhia de *Aires de Saldanha*  
Ao Senado de *Astrea*, que o ignora,  
Tinhão denunciado esta façanha:  
A fortuna dos presos se melhora,  
Que cadaqual a aplaude, quãto a estranha:  
Pois para ser geral felicidade  
A todos selles dêrão liberdade.

18

Iã atravessando as Praças de Lisboa  
De quatro filhos seus acompanhado  
Com grãde alento a mesma voz entoa  
Sem temor o zeloso Maldonado:  
Onde d' esta ventura o clamor soa,  
Vem a ser eco o gosto, que espalhado  
Em repetidas vozes tem aumento  
Formando mil accêtos cada accento.

19

Ià pacificamente obedecida  
A legitima voz do Lusitano,  
Ià dos muros de Vlisses excluida  
A voz prejudicial do Castelhana:  
Ià a Republica toda reduzida  
A hũ vinculo, a hũa paz, a hũ desêgano:  
Efeitos, que admirou a voz sonora  
Da fama vaga em pouco mais d' hũa ora.

20

Logo em asas, que Amor formado tinha,  
Parte lorge de *Mello* alvoroçado  
A dar ao Duque aviso, que convinha  
Virse apossar do Reino restaurado:  
Pelas estradas voa, & não caminha;  
Mas do meſmo alvoroço estimulado  
Lhe afigura o desejo, & a esperança  
No andar priguiça, & no voar tardança.

21

Iâz à parte inferior do meio dia  
Junto a Villaviçosa (nobre assento  
Dos Duques) hũ brenhal, que desafia  
No arvoredos o estrellado firmamêto:  
As boninas, a fruta, a montaria,  
As aves, & a frescura ao opulento  
Sirio dão tal valor, que nelle a Aurora  
Sempre a Diana vê, Pomona, & Flora.

A idea



22

A idea, que a petece amenas flores,  
Goza nelle jardins sempre floridos:  
A que se inclina aos passaros cantores,  
Acha doces lisonjas dos ouvidos:  
A que da imagẽ dos marciaes ardores  
Se paga, tem nos bosques repetidos  
O touro, o lobo, o javalî, o veado:  
A TAPADA se chama este cercado.

23

Na imitação de Marte generosa  
No montaraz limite da Tapada  
Passava ociosidade laboriosa  
O Duque em vigilancia descuidada:  
Aqui seguia a lebre, que medrosa,  
Quanto mais do temor se vê turbada,  
Tanto mais desafia, & vence o vento,  
E antes a alcãça o cão, que o pêsamêto.

24

Aqui o ligeiro cervo, a quem calçara  
Asas o medo, a diligencia esporas,  
Obedece ao seu raio, & morto para  
Despois de fatigado muitas oras:  
Aqui do javalî a fereza rara,  
Que umedaceu de Venus as auroras,  
Deu a Venus vingança, & desengano  
De maiores vitórias ao Tebano.

A qui

25

Aqui soltando o aqor, q̃ mais se empina,  
Por pirata das aves o conhece,  
Que discorre a diáfana campina  
Dos ares, & com roubos se enriquece:  
Iã sobe exalação, já se fulmina  
Raio sobre toda a ave, que appare ce,  
Atêque torna ao Laço, que o oprime,  
Onde goza o descanso, & paga o crime.

26

Em tal occupação, em tal cuidado  
Por violencia da sorte se incluía  
O espirito Real, que destinado  
Naceu para reger a monarquia:  
A qui se achava, quando já passado  
O meio tinha o Sol da eterea via;  
Mas o *Mello* me chama, é q̃ ainda vejo  
Alas no amor, e poras no desejo.

27

Chega em fim à Tapada, antes q̃ a fama,  
Por mais que a fama diligente seja:  
Vede o que corre quem de veras ama!  
Vede o que desconfia quem deseja!  
Ante o Duque prostrado Rei o aclama,  
Sálvalhe a Magestade, a mão lhe beja,  
Refèrelhe o successo, ajunta o rogo,  
Que venha para nos, que venha logo.

Não.



28

Não se vio naquelle animo constante  
Seguirse alteração à novidade,  
Nê mudar-se o já d'antes Real lêbrate  
Co titulo da nova o Magestade:  
Mas fazendo, que o *Mello* se levante,  
De alvêceras, & premio da lealdade  
Lhe dà por joia, & por preciosos laços  
Benigno o coração, & humano os braços.

29

Com o *Mello* tambem nesta embaxada  
Foi *Pedro de Mendoça*, que acredita  
O amor na diligencia alvoroçada,  
Que com a mesma fê seu peito incita:  
Com igual pressa fatigou a estrada,  
Igual contentamento, o solicita,  
Com igual lealdade ao Rei venera,  
E o Rei com premio igual o remunera

30

Vai el Rei para o Paço sem tardança,  
Onde em lugar secreto retirado  
Ao Ceo, que satisfez sua esperança,  
Rende agradecimentos umilhado:  
Logo à suave esposa, a quem Bragãça  
Aurora foi do Reino restaurado,  
Comunica a ventura, que percebe,  
E dando hús parabens, outros recebe.

Sem

31

Sem esperar, que torne a luz futura,  
Que ha de dar esplendor ao novo dia,  
Sem nova affectação de compostura,  
Co a mesma, cõque o monte discorria:  
Porque a pessoa em seu valor segura  
Em si, que não nas galas; se confia,  
A mante da Rainha se despede,  
E pouco acõpanhado a estrada mede.

32

Os Campos, que Excellête o venerarão,  
Ià agora o solenizão Magestoso,  
E se d' antes desejos tributarão,  
Ià agora vem o efeito venturoso:  
Os povos em aplausos lhe declararão  
Mil efeitos de amor affectuoso:  
Tudo o amor Lusitano lhe oferece,  
Tudo oque elle nos ama nos merece.

33

O quinto Sol contava já Lisboa,  
Depois da aclamação maravilhosa,  
Que o cetro restituira, & a coroa  
A digna mão, á fronte generosa:  
A mesma voz em seu distrito soa  
Aplaudida, suave, & sonora,  
E sò por complemento lhe faltava  
A presença do Rei, que desejava.

E antes



34

E átes que o Sol( q̃ então vinha escóddo  
Por ceder a outro Sol, q̃ mais se espera)  
Ao limite chegasse mais subido,  
Donde reparte a luz da clara esfera:  
O Sol de Portugal esclarecido  
Rópendo o denso orvalho, q̃ se altera  
Ou de gosto, ou de éveja de seus raios,  
Rompe das saudades os desmaios.

35

Se entre mil esperanças o desejo  
Em incendios de amor sacrificado  
Fazia, que chorasse o claro Tejo  
Os efeitos de ausente magoado:  
Agora, que opossue, agora o vejo  
Pela arenosa praia dilatado,  
Que trásformado em pérolas o choro  
Lhe oferece de Ninfas bello coro.

36

Precedendo o desejo, & a esperança,  
Que o gosto agrandes júbilos convida,  
Para que creça o bé, que Lísia alcáça,  
Não foi sua chegada prevenida:  
Desmentindo rigores da tardança,  
Que veio a ser ditosa desmentida,  
Sahio então por venturoso oposto  
Da sombra a luz, da saudade o gosto.

Com

37

Com voz alegre pede logo a fama  
Por infinitas bocas dilatada  
Ao povo, q' o celebra, quanto o ama,  
Alvíceras alegres da chegada:  
D' esta ditosa voz foi eco a chama  
Do côncavo metal desençada,  
Que no Castello em repetido accento  
Foi luminoso escandalo do vento.

38

Concurso innumeravel convocado  
Do gosto, & do alvoroço de repente  
Traz o amor cõ solícito cuidado,  
Que dilações da vista não consente:  
Não se escusou idade, nem estado  
De acodir com affecto diligente  
Ao Paço. E quem na pressa se melhora  
O alvoroço lhe calça aguda espora.

39

Jà na Real estancia não cabia  
A multidão, que alegre corre a ella,  
E com vozes amantes lhe pedia,  
Que faça claro oriente hũa janella  
Não he tão celebrado o novo dia,  
Quãdo o Sol vê seguindo a Aurora bella,  
Como o Rei, q' gozou mais doce salva,  
Que das aves o Sol, das flores a Alva.

E

Manhã



40

Manifestando a todos aplaudido  
Em luz geral favores singulares,  
Dos nobres se conhece mais querido,  
Mais amado se vê dos populares:  
Cadaqual se imagina seu valido  
Desmêtindo a opiniaõ de algũs vulgares,  
Que cuidaõ, q̃ por ser hũ Rei benino,  
Deslustra em ser umano o ser Divino.

41

Desengãnese a cega vaidade,  
Que presume valer por jactanciosa,  
Crendo, que diminue autoridade  
A mostra da clemencia generosa:  
Que então se abona mais a Magestade,  
Quando trata os umildes amorosa,  
E menos feliz vive em todo o estado  
Quê quer viver temido, mais q̃ amado.

42

Emquanto solenizãõ em Lisboa  
As venturas do Reino, que floresce,  
Onde dos corações tecem coroa,  
Que Amor agradecido lhe oferece:  
Aquelle monstro, que é mil asas voa,  
Aquelle, que em mil linguas encarece  
O falso, & certo em brados repetidos,  
Aquelle, q̃ he todo olhos, todo ouvidos.

A Fama

# TERCEIRO 67

43

A Fama, digo, voa, & com voz clara  
O Portuguêz distrito corre, & gira,  
E o successo magnifico declara,  
Que todo o Reino aplaude, quâto admira:  
Aqui passa depressa, & alli para,  
Dúvida aqui, & alli certeza inspira,  
E dando suspensão, & gosto a todos  
Hũ sò caso refere por mil modos.

44

Pensão a cousas grandes repentinas  
De incrêdulo tributa o pensamento,  
E mais quando parecem peregrinas  
Do que pode caber no entendimento:  
Quem poderia crer, q as santas Quinas,  
Que unio a sorte ao vinculo violento  
Dô estranho jugo, quâdo mais atadas,  
Se vissem facilmente libertadas?

45

Mas he tal dos desejos a eloquencia,  
E dão à idea tal capacidade,  
Que vema persuadir por evidencia  
O q o discurso faz difficuldade:  
A mais irresoluta contingencia  
Sò foi até a certeza da vontade  
Do novo Rei, mas tanto que a entêde,  
Sua voz segue, sua acção defende.

E

la



46

Iã Santarem o aclama, jã Leiria  
Por Rei o reconhece, jã o Mondego  
As Musas em Coimbra desafia,  
Cuja torre fundou Ercules Grego:  
Iã o Porto em seu louvor corêas guia,  
Iã Braga, jã Viseu, & jã Lamego  
Emulas no primor da lealdade  
Lhe consagraõ fideis a liberdade.

47

Iã Miranda os seus montes matricula,  
Quãto mais os seus filhos, na badeira,  
Que em nome de seu Rei o vêto adula  
Nunca nas marciaes glorias derradeira:  
Iã Bragança em seu titulo acumula  
O titulo Real à voz primeira:  
E jã a Guarda, que nunca se acovarda,  
Seu nome a clama, & seus decretos guarda;

48

Iã sem pavor repete sua gloria  
E ora, que a aclamou anticipada;  
Elvas a segue. Em Bêja tem vitoria  
A acção, q foi primeiro mal lograda:  
Iã Porralegre faz alegre istoria  
Cõ a empresa a seu nome acomodada:  
Iã o Algarve ameaça a Espanha estragos  
Em Silves, e Tavira, em Faro e Lagos.

49

Iã os presidios, que as forças guarneciaõ  
Do Reino com o nome Castelhana,  
Porque da repugnancia pouco fiaõ,  
Se rendem ao imperio Lusitano:  
Nã resistem, nã tardaõ, nã porfiaõ,  
Nã prõvaõ o rigor, nã vem o dano  
Da fome, nã da guerra; mas rendidos  
Pedem ao vencedor brandos partidos.

50

Iã a Fama, nã cabendo no distrito  
Da Lusitana terra, passa avante,  
Soa em Castella seu fogoso grito  
Deixando todo o peito palpitante:  
O pãllido temor se mostra escrito  
Nunca dissimulado no sembrante  
De todos, & jã cuidaõ, que sem falta  
O Lusitano Rei Castella assalta,

51

O medo, a confusão, a novidade,  
Comque suspende tão fatal successo,  
Diversos pensamentos persuade  
Na memoria, em q̃ fica mais impresso:  
A mesma emulação, que da verdade  
Fugir nã pode, com vistoso excessso  
Confessa por acção justificada  
Acoroa de Luso libertada.

E;

Passou



52

Passou os Pireneos a fama ativa,  
Despois de dar a nova em Catalunha,  
Que aprovou os efeitos compassiva,  
Como de muitas causas testemunha:  
Estendese por França, onde deriva  
Da causa, cõ q Frãça a espada epunha,  
Novas abonações, certa esperança  
Da confederação de Luso, & França.

53

Os Alpes, que gigantes saõ de neve,  
Passa veloz, no antigo Lacio para,  
Onde tem geral mado em termo breve  
Feita de tres coroas a Tiara:  
Nesta acção Lusitania mais lhe deve;  
Porque de modo sua acção declãra  
Ao sũmo Vice-Deos, q ouvindo a nova  
Benino a admite, quãto justo a aprova.

54

Logo voltando o giro ao Occidente  
Discorre pelas ilhas do Oceano,  
A terra visitou do Ingrês valente,  
Que antepõe Portugal ao Castelhana:  
D' aqui gira com voo diligente  
Os estados de Olanda, o imperio Dano,  
E torna para o Austro mais ligeira  
As ilhas dos Açores, & à Madeira.

Na

55

Na Africa Tingitana o chegar tarde  
Ocasião foi de ser menos aceita,  
Porq̃ hũa astucia maquinou covarde  
Engano a Tânger, confusão a Ceita:  
E foi assim: Que ao Português alarde  
O Castelhana escreve, que sospeita,  
Que em Portugal estava rebellado  
Algun povo, que dà pouco cuidado.

56

Mas diz, q̃ équãto acòde a darlhe a pena  
Dina da rebelliaõ (sendo o contrario)  
A Ceita, & Tânger lisonjeiro ordena,  
Que peça a Gibraltar o necessario:  
Dar crédito a mentira tão serena  
Foi erro; mas não foi mui temerario:  
Crêrão pois a Castella: q̃ a não crella,  
A voz não seguirião de Castella. ,

57

Com tudo a Mazagão não pode a fama  
Negar ou mais amor, ou mais prudência,  
Pois quãdo Espanha ao mesmo risco o chama,  
Mais constante esperou pela evidência:  
Concédase a *Martinho* illustre rama  
De *Correia*, & de *Silva* esta excellencia:  
Pois estando de Luso em mór distância,  
Teve melhor acerto na constancia.

E 4

E se



58

E se me dà lugar o amor paterno,  
Sem que fique o louvor nelle sospeito,  
Ao *Silva*, que merece nome eterno,  
Companheiro darei no eroico feito:  
Possua o *Silva* a gloria do governo,  
Mas *Lopo Enriquez de Guzman*, q̃ opeito  
A prudencia, & valor deu por espelho,  
Participou da gloria no conselho.

59

D'aqui deixando atràs o Atlante Mourro,  
Que ao môte nome deu, & ao mar salgado,  
Prosegue a mesma Fama égiros d'ouro  
Contra o Austro seu curso acelerado:  
A America opulenta, que he tesouro  
Do sol, que grande tempo foi vedado,  
Obliquando a carreira para o Ocaso,  
Alegra referindo o illustre caso.

60

D'esta, que antigamente foi chamada  
Terra de Santa Cruz, & se dilata  
Do Oceano Etiopico lavada  
Do rio Maranhão até o da Prata:  
Continuou a Fama outra jornada  
Para as partes da Aurora, onde relata,  
Que livre està da maquina Espanhola  
O grande *Monicongo*, a rica *Angela*.

Logo

61

Logo vai costeando o Oceano,  
E Porque mais aplausos comunique,  
Faz, que o graó Promótorio Africano  
As boas esperanças verifique:  
O triunfo do Rei novo Lusitano  
Com alta voz pregôa em Moçambique,  
Em Quiloa, & Melinde, & proseguindo  
Dizê, q̃ o Ganges vai ganhar, & o Indo.

62

O que mais acredíta de admirado  
A Fama divulgando a acção, q̃ espâta,  
He o segredo entre tantos inviolado,  
E a paz, que conseguiu empresa tâta:  
Cesse todo o triunfo celebrado,  
Que o mundo soleniza, escreve, & câta:  
Que não ha relação, nem ha memoria,  
A que a fama tribute tanta gloria.

*Fim do Canto Terceiro.*



## CANTO QVARTO

I



M quãto cõ trombeta sonora  
De Reino é Reino vai, de gête é gête  
A fama d'esta empresa gloriosa  
Com opiniaõ de justa, & de prudente:  
Decimaquinta vez a Alva fermosa  
Sahio pelas varandas do Oriente  
Preparando alcatifas de esarlata  
Ao Sol, q, quãdo as goza, lhas desata.

2

Achoujà no crepusculo do dia  
Hũa fãbrica excelsa edificada  
Junto ao Paço Real, que competia  
Com o trono do Sol por adornada:  
Vendo o Sol, que em esmaltes o vécia  
A rica guarnição multiplicada,  
Se escódeu de arrufado, ou de corrido  
De vêr, que não sahira tão luzido.

3

Formàrase hũ teatro espacioso,  
Cuja quadrangular architectura  
Capaz de ajuntamento numeroso  
Igual ao Regio Paço era na altura:  
O pavimento estava tão lustroso,  
Fazendo de ouro, & purpura mistura,  
Que o que nelle alcatifa se ponde ra,  
Podia ser docel na clara esfera.

Os

4

Os extremos da Quadra guarnecião  
Grades com balaustes argentados,  
Donde por fôra liberaes pendião  
Paveses de riquíssimos brocados:  
Assentos convenientes se seguião  
No circûito aos Nobres, & Prelados,  
E tudo por ornado, & bem composto  
Ostentava triunfo, pompa, & gosto.

5

Da parte occidental se levantava  
Sobre degrãos hũ solio, cujo assento  
Na opulencia, & no culto aventajava  
A quanto no teatro era opulento:  
O docel magestoso, que se armava  
No frontal do magnifico aposento,  
Brilhava com tão grâdes resplandores,  
Que não deixava a luz vêrêse as cores.

6

A Iustiza neste acto executada  
Mostra à parte direita segurança,  
Com hũa mão levanta a recta espada,  
De outra lhe pède a intrépida balança:  
Da parte esquerda està igualmête ornada  
A Prudencia ostentando confiança  
Nas serpes, que sojeita fugitivas,  
Mortas no obsequio; mas no aspect o viva

Km



7

Em contorno da fàbrica pomposa  
Galante assiste militar alarde  
Mais para pompa da facção gloriosa,  
Que por ser necessario, que se guarde:  
Tantoque chega a ora venturosa,  
Que a tantas esperanças chegou tarde,  
Começarão de entrar sem preferéncia,  
Os que conduz o officio, ou a eminência.

8

Entrarão os Prelados, cujo officio  
He ser no Ceo da Igreja resplandores,  
Temperança do mundo no exercicio,  
Fruito nas obras, na apparencia flores:  
Dar à virtude exemplo, freio ao vicio,  
E tendo vigilancia de pastores  
Desvelar-se zelosos sobre o gado,  
Que Cristo cometeu a seu cuidado.

9

Seguio-se logo o Estado da Nobreza,  
Em quem vistosamente comperia  
Nas galas curiosas a riqueza,  
Nos corações illustres a alegria:  
Ornado de sciencia, & de inteireza  
Hũ, & outro Senado entrar se via:  
Este, que Astrea nos restaura eterna,  
E aquelle, que a Politica governa.

Depois

10

Despois que em tantos raios hũa Aurora  
Composta de escolhidos resplandores  
Foi Portugal neste acto, é q̃ melhora  
As luzes, que eclipsáraõ vis temores:  
Sahio o Sol na mais ditosa ora,  
Em q̃ a salva gozou de aves, & flores;  
O Rei digo, ditoso, & desejado  
Ao legitimo solio restaurado.

11

Dos ombros a Real opa lhe pendia,  
Que Milão lhe teceu, bemq̃ ignorate,  
Que o seu brocado fosse neste dia  
Parte de gala ao Português triunfante:  
No mais vestido em competécia ardia  
O rubi, a esmeralda, & o diamante,  
Em cuja luz a admiração observa  
Os melhores trabalhos de Minerva.

12

No sembrante competem igualmente  
( Dotes Reaes) Amor, & Magestade,  
Cuja evidencia a opiniaõ desmente,  
Que ser incompativeis persuade:  
Nem encontra o benino ao eminente,  
Nem o grave desfaz na humanidade,  
Antes tem esplendor quasi divino  
Unido o soberano, & o benino.

Tanto



13

Tanto resplandecia o soberano,  
Que quẽ entre outras luzes lhe pusera  
Os olhos, sô o invicto Lusitano  
Por dino da Coroa conhecera:  
Tanto amor grangeava por humano,  
Que, sendo a Magestade tão severa,  
Produz nos corações igual efeito  
O amor ardente, lúcido o respeito.

14

O augusto solio ocupa, onde enriquece  
Os animos de gosto, & de esperança,  
Que é louros sêpre verdes nace, & crece  
Sendo a glorias futuras segurança:  
Aqui o Sã de joelhos lhe oferece  
No cetro grão penhor de confiança,  
Grãde porq̃ este cetro ao novo erdeiro  
Se reservou del Rei DÓLOAO Primeiro.

15

Despois que já por ordem conveniente  
Ocupado se via todo o espaço,  
O silencio admirado, & reverente  
Asas deu ao discurso, às vozes laço:  
E *Fraucisco d' Andrada*, q̃ eloquente  
A retorica ampara com hũ braço,  
E com outro a justiça, em grave accêto  
Orando suspendeu o Ajuntamento.

Sabado

16

Sabado( dice) ò Rei, ò justo emprego  
Do amor, da estimação, & da esperãça  
Do Reino Portugnês, que estava cego  
Carecendo da luz, que em vos alcãça:  
Quando a deixar o tímido sossego  
Nos provoca hũa prospera lembrança  
De nossa redempção, dia primeiro  
No mès de nossos anos derradeiro.

17

Acordou a Nobreza Lusitana  
Do Letargo fatal da sôbra fria,  
Comque nessa Noruega Castelhana  
Sessenta anos foi noute a tirania:  
E sacudindo a servidão tirana,  
Despriguçou a voz avalentia,  
Rópendo a luz d' aquellas trevas parto  
Na aclamação del Rei Dô IOÃO o Quarto.

18

Principiado em poucos este accento  
Se proseguio em todos tão constante,  
Que pareceu antigo o pensamento  
Ainda nos q̃o conhecê mais flamante,  
Com cem vozes, cé boeas, linguas ceto  
Não avera quẽ diga, nẽ quem cante  
O aplauso universal, a lealdade,  
Com q̃o Reino aprovou tal novidade.

Neste



19

Neste acto novamente consagrado  
Para confirmação de tanta empresa,  
Em que de novo pede cada Estado,  
Que aceiteis a Coroa Portuguêsa:  
Nem ha novos affectos do cuidado,  
Né fê, q'já de amor não venha presa;  
Porem cumprimos os Reaes primores  
Do costume louvavel dos maiores.

20

Satisfazendo pois ao rito justo,  
Que a âtiguidade usou, vos aclamamos  
De novo, ô augusto Rei, por Rei augusto  
Por tal vos conhecemos, & juramos:  
Com inviolavel fê, & amor robusto,  
Com sacramento candido vos damos  
A omenagem constâte, que de novo  
Vos promete a Nobreza, o Clero, o Povo.

21

E posto que advertidos conhecemos,  
Que era escusado o vosso juramento,  
Porque de vosso amor certeza temos,  
Que é jurar responde ao nosso intento:  
Por força do mesmo uso pretendemos,  
Que vos obrigue o mesmo sacramêto  
A nos guardar os foros, q' guardarão  
Os Reis, que esta coroa vos ganharão.

E cre

22

E crede, Portuguezes generosos,  
(Vos o sabeis, & o tempo o persuade)  
Que não ficais ao mundo sospeitosos  
Da menor quebra em vossa lealdade:  
Antes restituistes justçosos  
Ao legitimo Rei a magestade,  
Que vossos pais vencidos da violencia  
Rendèraõ aos poderes da insolencia.

23

Aqui com relação mais erudita  
O Portuguêz Vlpiano, em cujo peito  
Astrea inviolada deposita  
O tesouro da sciencia mais perfeito:  
Iurisconsulto, & orador recita  
O fundamento, as causas, & o direito  
Da acção, que sendo já justificada,  
Ficou por seus encomios mais ornada.

24

Repete a presumpção da tirania,  
Que intrusa o diadema violentava,  
A cuja cobiçosa idropefia  
Davão sede os tributos, que esgotava:  
Prova, que a Lusitana monarquia  
Na peregrina mão cativa estava,  
Fundando o Castelhana a preferencia  
Naõ já na alma da lei, mas na violência.

F

Allega



25

Allega com exemplos verdadeiros,  
Que é Portugal a hū Rei outro sucede  
Por modo de legitimos erdeiros,  
Não como nos morgados se procede:  
Refere de Reis proprios, & estrágeiros  
Casos illustres, que prudente mede  
Cos termos, q̃ adequados determina  
Nas causas de Filipe, & Caterina.

26

Consecutivamente significa  
Das representações a qualidade,  
E aos privilegios, que pondera, applica  
O que mais observou a antiguidade:  
Eloquente propoem, discute, explica  
Tão claro o caso, a dūvida, a verdade,  
Que pode perceber sua elegancia  
Não sō já a discricião; mas a ignorácia.

27

E prosegue dizendo: Logo he claro,  
Que Portugal podia, & que devia  
Para tanta opressão buscar amparo,  
E tornar a seu cetro a monarquia:  
Agora pois, que chega, ò Rei preclaro,  
Tão desejado, & tão ditoso dia,  
Em que seus danos Portugal exclue,  
E em que o cetro fatal vos restitue.

Agora

28

Agora recebei a restaurada  
Coroa dinamente restituída  
Nos corações primeiro fabricada,  
Que a vossa Real fronte oferecida:  
O espirito, o amor, a voz, a espada,  
O patrimonio, a fè, o decoro, a vida,  
Tudo, quanto podemos, & valemós,  
Para vos defender oferecemos.

29

Porq̃ estamos seguros, que ãtregamos  
A liberdade a hũ Rei, que sem cobiça  
Hade reger as redeas, que lhe damos  
Do Reino, com piedade, & com justiça:  
Os danos, que até agora so portamos,  
Da ãbição, do respeito, & da injustiça,  
Cõfiados cremos, q̃ hade restaurallos  
Hũ Rei, q̃ hade ser pai de seus vassallos

30

E com maior razão de vos se espera,  
O generoso Rei, esta façanha,  
Em quem a inclinação se considera,  
Que é Reis vossos Avòs não foi estranha:  
E em quẽ na accção presente se pôdêra  
O q̃ perde os imperios, & o q̃ os ganha:  
Pois perdendo Felipe por tirano,  
Vos, Senhor, o alcançastes por humano.

F 2

Vivei



31

Vivei pois, imperai, reinai ditoso,  
E lograi a coroa restaurada  
Por tẽculos, que excedão do envejoso  
A raiva, q̃ em si mesma he castigada:  
Eternize-se o tronco glorioso  
Com rama taõ felice, & celebrada,  
Que vossa decêdência iguale ẽ glórias  
De vossos ascendentes as memorias.

32

Callou. E com estylo diferente  
O aplauso proseguio mais dilatado  
Em huns com as palavras eloquente,  
Com o silencio em outros admirado:  
Logo com cerimonia competente  
Ao acto ao juramento destinado  
O estylo se observou, que Luso aprova  
Na aclamação dos Reis, quãdo os renova.

33

Resplandecen, por certo, o soberano,  
Quando aqui tanto de modesto teve,  
Que declinou o Marte Lusitano  
A esfera (a nosso ver) umilde, & breve:  
Que, se o Pontifical se mostra humano,  
Postoque a sã veneração lhe deve,  
Grande modestia foi, grande piedade  
Prostrar-se ante o vassallo a magestade.

O insigne

34

O insigne Dom Rodrigo respeitoso  
Ao Rei, q̃ assim prostrado se apresêta,  
Quãto, como òmê, teme o magestoso,  
Iã, como Vice Deos, tanto se alenta:  
E o grande Português, que religioso  
No Arcebispo a Deidade representa,  
Com animo Real, com fê segura  
As leis de Portugal confirma, & jura.

35

Em continente deu aplauso ao vento,  
E festivo terror salva pomposa  
De Apollo com armonico instrumêto,  
De Marte com lisonja bellicosa:  
A alegre confusão de cada accento  
Repetiaõ os ecos mais gloriosa  
Misturada com vozes excessivas  
De immêsos parabês, de eternos vivas.

36

Onde acabou do estilo Lusitano  
A ultima cerimonia satisfeita,  
E onde se renovou o gosto ufano,  
Que reparte a lealdade, o amor aceita:  
Para acto mais Divino, & mais humano  
Principio deu a Religiaõ perfeita:  
Que de humano, & Divino se é nobrece  
Quê, quãto mais logrou, mais agradece.

F i

O Rei



37

O Rei com os vassallos competia  
A quem deixara o Ceo mais obrigado,  
Se restaurando ao Rei a monarquia?  
Se dando ao Reino tão ditoso estado?  
Quanto mais indecisa està a poeira,  
Tão mais cada qual està empenhado:  
E para o desempenho foraõ traças  
Do Amor solicitar acção de graças.

38

Là do teatro para à Sé formara  
Húbizarro esquadrão rua vistosa,  
Que resplandece com as armas clara,  
E com galas diversas luz fermosa:  
Alegre ostentação, que preparara  
O affecto mais, q̃a prevenção medrosa:  
Que destas glórias o immortal objecto  
Nunca foi o temor, senão o affecto.

39

Catálogo espaçoso solicita  
O numero dos nobres, que dilata  
A ostentação do triunfo, que infinita  
As estrellas excede, se as retrata:  
A riqueza despezos facilita  
De pèrolas, & pedras, de ouro, & prata:  
Que ficão das estrellas superiores;  
As que á vista do Sol tem resplâdores.

Mas

40

Mas não pode abarcar, minha armonia,  
 Por mais que se desvele meu cuidado,  
 O numero de luzes que à profia  
 Toda a gala do Sol tem conquistado:  
 Primeiro comporà as oras do dia  
 Descansando no mar Febo dourado,  
 Que eu possa relatar, por mais q̃ cante,  
 O numero dos Nobres elegante.

41

Com tudo não se deve gloria tanta  
 A aquelle, que jamais ruinas teve,  
 Porque nunca da terra se levanta,  
 Como a aquelle, q̃ voa, & q̃ se atreve:  
 Atrever he valor. Quem sempre canta  
 Seguro, pouco premio se lhe deve,  
 Quê se expoê ao perigo aspira à gloria  
 Pelos arduos caminhos da vitoria.

42

Anime-se pór tanto meu alento,  
 E alguns Titulõs cante generosos,  
 Que ennobreção cantados meu accêto,  
 E deixem os antigos envejosos:  
 Eos que neste das Musas firmamento  
 Sentirem, que não luzem tão lustrosos,  
 Como merecem, culpê meu engenho,  
 Não a vótade, que em seu cáto épenho



43

*Fernão Telles da Silva* perinitia  
 Adulações do vento na bandeira  
 Real, & Alferez mór ennobrecia  
 De tanta Dinidade a luz primeira:  
 Aprendião aplausos de alegria  
 Do *Gama* illustre Sol da *Vidigueira*  
 A *Aurora* toda, todo o Sol ardente,  
 Porque trazia em si todo o Oriente.

44

O *Conde de Redondó*, o grão *Coutinho*,  
 Que Còde pode ser da redondeza,  
 A grandes digressões abre caminho  
 Aquem quizer louvar sua grandeza:  
 Pois o de *São Miguel*, que já do ninho  
 Trouxe d'aguia o valor, d'aguia anobreza:  
 Não he tão admiravel, q o Sol veja,  
 Como q não se eclipse o Sol de enveja;

45

O *Conde de Monsanto*, que afilhado  
 Das *Carites* nasceu, vê taõ bem posto,  
 Que se admira no custo o bẽ ornado,  
 Deleita o inventado no bom gosto:  
 Bizarro o *Conde d' Arcos* vinha ao lado  
 De seu avô o *Vizconde*, que no posto  
 Do Tribunal maior abona a estima  
 Da prudencia, & do título de *Lima*.

Ao

46

*Ao Conde da Atouguia* não iguala  
A Ave, que ninho tem na luz do dia,  
Porque na ostentação de tanta gala  
Arabia mais feliz foi a *Atouguia*:  
O da *Calbeta* juntamente abala  
Com sua gentileza, & harmonia,  
Admiração total de qualquer polo,  
A Venus para o ver, a ouvillo Apolo.

47

O *Senhor da Ericeira* tão galante  
Nas repetidas joias, como altivo,  
Là parecia a algũs hũ sò dia mante,  
Là muitos, & cada hũ hũ Sol activo:  
Não menos adornado, nem radiante  
Vinha o *Conde da Torre*, que adoptivo  
Filho do Sol parece em luzes bellas  
Vestido mais de raios, que de estrellas.

48

O de *Vnhaõ* conhecido em toda aparte  
Por grande successor da quinta esfera  
Mais que aos adornos ao valor reparte,  
Mas ninguem nos adornos o vencera:  
Este cà do Occidente novo Marte  
O irmão, q̃he Marte do Oriẽte, espera:  
Chegando *Antonio Telles de Menezes*  
Serà Marte geral dos Portugueses.

Que



49

Que dino de respeito, & que lustroso  
Dando cõ a lealdade empenho à fama  
Vinha o valente *Conde de Vinioso*  
Do tronco Regio conhecida rama?  
E o de *Penaguião*, a quem famoso  
Pela prudencia, & pelo zelo chama  
A seu templo immortal a Eternidade,  
Quanto traz de lustrosa humanidade?

50

*Pedro da Silva* generoso *Conde*  
*De São Lourenço* em nobre competécia  
Nas galas à riqueza corresponde,  
Ao credito adquirido na prudencia:  
Qual o esplendor do Sol se não escõde  
Por dissimulação nem por violencia,  
Tal a gloria immortal de *Cantanbede*  
Nos raios, que ostétava, ao Sol excede.

51

Vinha o *Barão d' Alvito*, & quem o via  
Tão cortês, tão leal, & tão prudente,  
Rendido a seu valor logo dizia,  
Que varaõ lhe chamáraõ dinamente:  
No *Marques de Gouveia* competia  
O vistoso, o alegre, & o excellente  
Cõ tanta emulação, que acada épenho  
Quanto me crece amor, me falta égenho.  
Do

52

Do *Marquês de Ferreira*, a que trombeta  
Pode fir a Musa valor tanto,  
Se não for, que louvandoo se remeta  
Firme à veneração, muda ao espanto:  
Que seria notada de indiscreta  
Querendo compreender no breve câto  
Tâtos dotes de hũ Principe tão nobre,  
Que faz rico o desejo, & a voz pobre.

53

Todos vinhão a pè, mas o Monarca,  
A cujos pès a enveja oje se rende,  
A quem dà privilegio a lei da Parca,  
A qué a melhor fama o nome estêde,  
A quem aclama quanto o mar abarca,  
A quem venera quanto o Sol acende,  
A quem adora quanto a vida anima,  
A quem defêde quanto a onra estima.

54

Em hũ forte castanho, que alentado  
Ià do peso Real, jà do elemento  
Do fogo, de quem foi filho adoptado,  
Se antes o fora natural do vento,  
Das ancas, & do peito dilatado,  
Da fronte & das orelhas avarento,  
De olhos ardente, de nariz aberto,  
Longe os cabellos, & a cabeça perto.

Que



55

Que o freio d'ouro, a cuja lei acòde  
Moderando obediête o impulso bravo,  
De branca escuma argêta, com q'pòde  
Fazer à neve lisonjeiro agravo:  
E que quando da terra as mãos sacòde,  
Olha se despedirão algũ cravo,  
E quando todos acha, então procura  
Verse, como em cristal, na ferradura.

56

E debaxo de palio de brocado  
Mòvel docel de fixos resplandores,  
Que em colunas de prata levantado  
Sustentão seis longevos Senadores:  
Levâdo em hũa mão o cetro er dado,  
E na esquerda o preceito dos ardores  
Do briolô animal, & por mil modos  
A vida, a alma, o coração a todos.

57

Os olhos vinha enchendo a quẽ já tinha  
De amorosos desejos cheio o peito,  
A cuja sede universal convinha,  
Que se outorgasse universal efeito:  
Quem preso na doença se detinha  
Deixou alegre o càrcere do leito,  
E inobediente ao sã, sem que o ajude,  
Sò vendo o Rei espera ter saude.

Apenas

58

Apenas pelas praças rompe, & cabe  
O concurso da gente repetida:  
Este pede, que a vida selhe acabe,  
Pois vio sua esperança já cumprida:  
Aquelle quer mais vida, porque sabe,  
Que agora he útil, & he gostosa a vida:  
Outro, porque lograssem taes favores,  
Resucitar quifera seus maiores.

59

Alegres os meninos o advertiaõ,  
Os moços animosos o mostravão,  
Prudentes os varões o conheciaõ,  
Os velhos judiciosos o admiravão:  
Todos, luzindo amor, nelle se viaõ,  
Todos com grão respeito o adoravão,  
E em toda a estimaçãõ, e no amor tod o  
He tão grãde o prazer, q não té modo.

60

Então se publicavão venturosas  
As que gerarão filhos nesta idade,  
Que o siruão com façanhas gloriosas  
Dinas de tão amada magestade:  
Chuveiro alegre de esmaltadas rosas  
(Que as não nega o inverno na cidade  
De Vliffes) lhe lançavão as donzellas,  
Que pareciaõ Soes chovendo estrellas.

Muito

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central



61

Muito era para ver, que se não via  
Espaço breve algum desocupado:  
Ondas de gente a praça repetia,  
Se nuves o lugar mais arrilcado:  
Apenas para o triunfo concedia,  
Passagem o concurso alvoroçado:  
E que mais vê ao Rei, por mais q' o veja,  
Mais sua vista repetir deseja.

62

Com esta pompa emfim chegou triūfáte  
A esse tēplo maior, que em magestade,  
Se desafia o Ceo por arrogante,  
Afecta por seguro eternidade:  
Que harmonia a verà, que voz, q' cante  
O affecto, a adoração, a piedade,  
Cõ que o grão Lusitano ao Ceo rēdido  
Ao pomposo excede no agradecido.

63

Alli do coração Real explica  
Envolros em silencio affectuoso  
Prazeres, que a modestia sacrifica,  
Dinos de hũ pensamento fervoroso:  
O que obrigado goza, multiplica  
Grato, & fazendo o mērito ditoso,  
Na gloria, que alcançou, & que cõcede,  
Cõstancias immortaes deseja, & pede.

Com

64

Com o mesmo triunfo acompanhado,  
Com os mesmos aplausos proseguido,  
Com os mesmos affectos venerado,  
Com os mesmos desejos aplaudido  
Volta ao Paço Real, onde o cuidado  
Amoroso em lisonjas do sentido  
Acredita verdades, que no peito  
A afeição produzira, & o respeito.

65

A qui gostosos parabens repete  
Toda a suave voz, todo o instrumêto,  
E o que menos se afina, ainda compete  
Cõ o canoro Orfêo no grave accentto:  
O desejo fatidico promete  
Com melodia, que suspende o vento,  
Ao Lusitano Rei eternidade,  
E ao seu Reino immortal felicidade.

66

Nem o Restaurador da Portuguesa  
Augusta sempre, sempre leal Coroa  
Sò da pompa mortal gozou acesa  
No amor, q o doce câto alegre entoa:  
A acrecetar louvores desta empresa  
Com adorno Real sahio Lisboa  
Tão contente, tão grave, & tão pôpêsa,  
Que o Sol lhe dice amores por fermosa.

Do



67

Do peito generoso armada vinha,  
E vestida de branca primavera,  
Na mão esquerda a não sagrada tinha,  
Ena direita hũ livro, & hũa esfera:  
Na cabeça mostrava, que he Rainha  
De Europa, & q̃ do mudo sello espera:  
Acompanhaa rendido, & obediente  
O Norte, o Austro, o Ocaso, o Oriete.

68

A sua imitação( qual mais ufana)  
Vem render sojeição as mais cidades  
Da nobre monarquia Lusitana  
Fazendo alegre oferta das vontades:  
Os fusís da cadeia Castelhana  
Que d' antes oprimia as liberdades,  
Não arrastados já; mas já rendidos  
Consagrão por despojos desunidos.

69

O Mondego, o Guadiana, o Minho, o Douro  
Em coches de cristal resplandecente  
Ao Rei tributaõ liberal te souro  
De amor, q̃ d'etro na agua vive ardete,  
Trazem coroas d' hera, palma, & louro,  
Que receu o alvoroço diligente  
Para o Rei, & cada hũ com novo estilo  
Para o louvar quísera ser hum Nilo.

Neptun

70

Neptuno sobre as ondas bulliciosas  
No distrito do Tejo introduzido  
Em carro de esmeraldas preciosas  
Novas adulações dava ao sentido:  
As rodas parecião brancas rosas  
Fabricadas de aljofre repetido,  
Que com o sucessivo movimento  
Pêrolas vem soltando cento, & cento.

71

Conduziaõlhe o carro lisonjeiro  
Quatro frisões marinhos, & servia  
O musico Arion de seu cocheiro,  
Seguindo mil Delfins sua harmonia:  
Por mais ostentação vinha primeiro  
Hũ terno de Tritões, que referia  
Cõ tróbetas de buzio ao muro Grego,  
Que era chegado ao Tejo o Rei do pego.

72

Vinha igual com Neptuno à mão direita  
No mesmo carro o Tejo tão galante,  
Que Tetis muito d'ambos satisfeita  
Ignora qual he o géro, ou qual o amãte?  
A campina das aguas era estreita  
Para o coro de Ninfas, que elegante  
Doce na voz, airoso nas mudanças.  
Compunha cantos, & tecia danças.

G

Tanto



Tantoque à portuguesa Magestade  
 Deraó mostra, & fizeraõ reverencia  
 Formando com gostosa variedade  
 O vistoso, & o alegre competencia:  
 Então fez hum final hũa Deidade,  
 Que provocava todos a obediência  
 Persuadin do silencio, & seu aceno  
 Deixou suspenso todo o coro ameno.

*Fim do Canto Quarto.*

CANTO

## CANTO QUINTO.

1

**L**Ogo o aurifero Tejo cō voz grave  
Dice: Este foi o dia mais ditoso,  
Que abrio a Portugal dourada chave  
Do tesouro dos fados mais precioso:  
Amais eroica voz, a mais suave,  
O espirito mais alto, o mais fogoso  
D'este coro immortal, q̃ o Sol admira,  
Ocante em grave tuba, em doce lira.

2

Callou. E todo o coro juntamente  
Os olhos pôs na bella compostura  
De Amarilis illustre, a quem consente  
Palmas a discrição, & a fermosura:  
Modera com mil graças o excellente,  
Levanta com grandezas a doçura  
Demodo que dà gosto, & causa espáto  
O suave, & o altivo de seu canto.

3

He Belleza geral, que, como gira  
O Sol por linhas d' ouro o Orizonte,  
E nem do umilde valle se retira,  
Nem escasso se nega ao alto monte:  
Ella assim tudo alegre, & tudo admira  
Consentido, que raio a raio conte  
Suas luzes aflor, que mais se umilha,  
E a arvore, que he dos ares maravilha.

G 2

A muiros



4

Amuitos tem seus olhos desvelado;  
Mas entre todos fora Silenciano  
O mais de suas graças namorado,  
E o mais favorecido por seu dano:  
Que das glórias de Amor precipitado  
Aos tormentos mortaes de hū deségano  
Vio apresentar seu bem a outro delvelo  
Que quer mais outro carcere, q̃ tello.

5

D' esta formosa Ninfa, as outras vejo,  
Que ouvir esperaõ todas a harmonia:  
Pois, como ao melhor cêtro do desejo,  
Cadaqual as ventagens lhe cedia:  
Mas sabendo, q̃ he varia, o claro Tejo  
(Grande desar em tanta bizaria)  
Não quer fiarlhe o canto, que quísera,  
Que allem da eternidade se estendera.

6

A Lisboa pedio, que o instrumento  
Tocasse mais Real, & mais canoro,  
Que possa suspender o curso ao vento,  
E desenpenhe a fê de seu decoro:  
Lisboa com eroico, & doce accento  
Igualando o suave, & o honoro  
Cantando agrada, deleitando espanta:  
Ensiname, ò Calliope, o que canta.

Eu

7

Eu(diz)que já dei leis à mesma Aurora,  
E que já sojeitei todo o Oceano,  
Sendo dos elementos tão senhora,  
Que nelles tinha imperio soberano:  
Eu, que rendi despojos até agora  
Sojeita ao cativeiro mais tirano,  
Em q' erão poucos meus opimos frutos  
Para satisfazer tantos tributos.

8

Agora illustremente libertada,  
Ea meu primeiro estado reduzida  
Manifestando empenhos de obrigada  
Efeitos cumprirei de agradecida:  
De minha liberdade restaurada,  
De minha opinião restituída  
A vos, ò invicto Rei, a vos me atrevo,  
Referir grata o que empenhada devo.

9

E não vos admireis se principio  
O canto alegre na ambição tirana,  
Que sojeitou com duro senhorio  
As glorias da coroa Lusitana:  
Que bem sabeis, Senhor, de vos ofio,  
Que he natural da condição umana  
Não saber distinguir sortes diversas  
Sem comparar as prosperas, & adversas.

G 3

Menos



10

Menos preço faria da bonança  
 Quem nunca conhecesse a tépestade:  
 Menos estimaria a temperança  
 Do Ceo que nunca visse a escuridade:  
 Ditosa sorte, prospera mudança,  
 Felice estado, grande utilidade  
 Ter sido tanto orror da sorte dura  
 Caminho de alcançar tanta ventura.

11

E se esta aclamação vos dilatamos  
 Nas grâdes opressões, que padecemos,  
 Foi, Senhor, que prudentes esperamos  
 Tépo, em q' claraméte vos mostremos,  
 Que não he beneficio, o q' vos damos,  
 Tão grâde, como o q' oje recebemos,  
 Porq' mais nos dais vos é ser Rei nosso,  
 Que nos em restituir o q' he tão vosso.

12

Rei sois, a quem a sello não obriga  
 Nê o proprio temor, nem o proveito,  
 Pois não ha que não saiba, e que não diga,  
 Que èreis já Rei no Estado mais estreito:  
 Nosso proveito foi, nossa fadiga,  
 Quem obrigou o amor de vosso peito  
 A aceitar este cargo, q' he tão largo,  
 Que menos vos deu de óra, q' de écaigo

Mas

13

Mas era necessario, & foi a certo,  
Que ouvesse conhecida differença  
Dos Reis, a qué elege o vulgo incerto,  
Ao Rei, q̃ o Ceo elege, & quer, q̃ vêça  
Que a vos para acodir ao nosso aperto  
Preceitos deu o Ceo, mais que licença,  
E aos outros, de q̃ o Ceo menos se agrada  
A coroa permite lã emprestada.

14

Dina foi logo a voz, que vos aclama  
Por Rei da monarchia Portuguesa,  
Que cõ o empenho do favor vos ama:  
Prédêdo vosso amor, & de amor presa  
Os ecos immortaes da eterna fama,  
Quãdo ao mûdo publicuê esta êpresa,  
Diraõ, q̃ como assim vos sã reinastes,  
Sõ por merecimentos o alcançastes.

15

Nem vossa aclamação fora aprovada  
De todo Portugal tão geralmente,  
Se antes muito de ser executada  
Não fora conhecida de excellente:  
Por q̃ agradou primeiro, agora agrada,  
Quem mais adesejou, mais a consente:  
Nê tẽ mais diferêça em nossos peitos,  
Que passar dos desejos aos efeitos.

G 4

Em



16

Emvão a enveja contrastar procura  
Com traições, nê cõ armas vossa gloria,  
Em vão pretende a tirania dura  
Renovar de seus medos a memoria:  
Porque vossõ valor, vossa brandura  
Tão certa vos promerem a vitoria,  
Que porõde o enemigo mais trabalha,  
Tendes primeiro o triũfo, q a batalha.

17

Manfidão, & valor, ò Rei benino,  
O valeroso Rei, em vos contemplo,  
Que facilmente vos promerem dino  
De seguro trofêo no eterno templo:  
Fique a arrogancia do rigor malino  
Corrida, fique sendo triste exemplo  
A remissão ignava, & sô se cante  
A alta brandura, o esforço vigilante.

18

Sois tão benino, sem passar a extremos  
De menos respeitado por umano;  
Que quãto mais clemête vos sabemos,  
Tanto vos adoramos soberano:  
Bem, como com as leis, assim vivemos  
Convosce, ò justo Rei, porque se dano  
Da liberdade, porque o recto avivem,  
Tê sobre nos dominio, entre nos viué.

Tão

19

Tão moderado no governo entrastes;  
Quão estava o governo mais perdido;  
Que sem mudar as leis o restaurastes,  
Usando só do exemplo bem seguido:  
As leis por este modo melhorastes,  
Que tinham seu primor tão oprimido;  
Que o Reino com leis justas fabricado  
Das proprias leis estava destroçado.

20

Ordenou o rigor do fado estreito,  
Que oposto a nosso bem o dilatava,  
Que até agora estivesseis vos sojeito  
Aquem o vosso cetro violentava:  
Iá triunfante se vê vosso direito,  
Se atégora, Senhor, suspenso estava;  
E qual (quando vassallo parecesse)  
De se javeis o Rei, tal vos fizestes:

21

E se quereis medir, quanto agradece  
O Reino ver-se livre, & restaurado  
Da opressão grave, que ditoso esquece  
Em obsequios alegres empenhado:  
Vede quanto condena, & aborrece  
De hũ riguroso Rei o jugo irado?  
Que não amara muito a hũ Rei clemête  
Quem muito não odiasse ao insolente.

Tão



22

Tão valeroso sois, que o vosso braço,  
Sem se mo ver, ganhou aliberda de  
Do vosso Reino desatando olaço,  
Que atàra a estrangeira magestade:  
Sê se mover o obrou: Pois do ébaraço  
Com o menor aceno da vontade  
Triúfou vosso poder, q em hũ sò dia  
Em mim vos rastaurou a monarquia.

23

Nem serà mais façanha do ardimento  
Vêcer por terra, & mar vossos còtrarios,  
Quando conspirem còtra vosso intêto  
Elquadrões cegamête temerarios:  
Do que foi o primeiro movimêto  
De entre afeições, & pareceres varios  
Na apparencia, éprender tãta façanha,  
Que anima apropriã gête admira a estranha

24

Eo que mais admiravel se afigura,  
Dando espanto geral a toda a terra,  
He, que seja animado de brandura  
Hum coração, que tal valor encerra:  
E que sendo criado em paz segura  
Tenhais tantos alentos para agueria,  
Que nem vos turba aparche, q ribôba  
Nem a peça, canhão, bôbarda, & bôba

Mas

25

Mas eu, Principe invicto, não me espáto,  
Nem se deve espátar qué vos conheça  
De vosso ardente espirito ser tanto,  
Que, átesq̃ épregne os raios, resplãdeça:  
Bem sabe o giro da Tapada; quanto  
A vosso braço, a vosso pê obedeça  
A fera cujo ardor, cujo escarmento  
Pedio armas ao fogo, alas ao vento.

26

Alli domando o touro, que esgrimia  
Meias luas a fronte, os olhos fogo,  
Eo jávali, que a Alcides desafia,  
Aprendestes a andar, & a vencer logo:  
Esta imagem da guerra vos servia  
De escola generosa, & o vosso jogo  
Là então era os despojos, q̃ ganháveis  
Das indomitas feras, que matáveis.

27

Nem era necessario a vosso peito,  
Para ser forte, ser exercitado,  
Pois, para serdes Principe perfeito,  
Basta vosso valor, basta o erdado:  
Tendes para qualquer eroico feito,  
Não lei se original diga, ou traslado,  
Nos Avòs immortaes, de quẽ erdastes  
O cetro de cristal, q̃ oje épunhastes

Outro



28

Outros refervo a canto menos breve,  
E fô vos lembrarei Dô IOÃO primeiro,  
A quem a liberdade Luso deve,  
E mais que nella em tão illustre erdciro:  
Testemunha sou eu de quanto teve  
A Nuno voffo avô por companheiro,  
Mais que vaffallo, & pelo mundo foa  
A lealdade, que então mostrou Lisboa.

29

O quantas do soberbo Castelhana  
Vitorias alcançarão gloriosas!  
Quâtas vezes, & quantas com seu dano  
Provou as noffas armas vitoriosas!  
Pois se olhais, invencivel Lusitano,  
As luzes deste efpelho generosas,  
Que exercicio melhor, né q experiêcia,  
Que aquella imitação. & effa prudencia?

30

Portanto, quando oposto a voffo nome  
Queira fazer de voffas armas prova  
O Castelhana Rei, fareis, que odome  
A antiga imitação, & agloria nova:  
Quando mais atrevido, as armas tome,  
Sem olhar, que a justiça lhas reprova,  
Primeiro encôtrará oprimido a morte.  
No error de voffa efpada, que no corte.

Para

31

Para vossa defesa se prepara,  
 Não digo já o meu povo, que obediête  
 He costumado com lealdade clara  
 A servir, & a mostrar esforço ardente:  
 Né digo o demais Reino, ôde não para  
 O Amor, q̃ ao vosso câpo cõduz gente,  
 Mas ainda Frãça, Oláda, & Catalunha,  
 Que cadaqual por vos a lâça épunha.

32

Allem da liberdade restaurada  
 Isto mais, Rei famoso, vos devemos,  
 Que he ver a nossa gente exercitada  
 Na milicia, que tanto suspendemos:  
 Ao bastão, à gineta prateada,  
 Ao venablo, ao tambor obedecemos:  
 E se faltava à nossa opiniaô alta  
 Militar diciplina, já não falta.

33

Ià desprezão a audacia do inimigo  
 Os vossos valerosos Lusitanos,  
 Lisonja representão no perigo,  
 Achão facilidade em vencer danos:  
 Estas confianças traz o Amor consigo  
 Nos bizonhos igual, & veteranos,  
 Ecadaqual espera na batalha,  
 Que seu amor, & seu valor mais valha.

Com



34

Com tantas esperanças já confio,  
Que, quando o mar afecte impedimêto,  
Domareis seu immenso senhorio  
Fabricando em seu campo torres ceto:  
Quando vos embarace qualquer rio  
O passo com seu umido elemento,  
Tanto cadaver inimigo conte,  
Que venhão afazer segura ponte.

35

Iá creio, que vos vejo em câpo armado  
Alentando bizarro aos Portugueses  
Esgrimir esse estoque não cansado  
De tirar vidas de romper arneses:  
Iá, que vibrando lança sois cuidado  
Fatal aos mais valentes Leoneses,  
Que vêdo o grão valor, q' é vos admiro,  
Antes morrem do ameaço, que do tiro.

36

Iá imagino, que dando a nova istoria  
Empenho cõ otriunfo, que alcãçastes,  
Para solenizar vossa memoria  
A eternidade, & a fama convidastes:  
E na gala pomposa da vitoria,  
Que suspêdendo o mûdo cõquistastes,  
Se dirà, que triunfais, porque vêceites,  
Não, q' sô por triúfar, guerra éprêdestes.

Iá

37

Ia vejo em vosso triunfo merecido  
 Precederem ao carro maniata dos  
 (Glorioso o que por vos fosse vécido)  
 Os Capitães de Espanha mais ousados:  
 O nome nos escudos esculpido,  
 Nos escudos trarão, que espedaçados  
 Com os golpes fataes do vosso braço  
 Terão apenas para o nome espaço.

38

O que firme esperança me persuade,  
 O que justa confiãça me assegura  
 Tanto triunfo à vossa Magestade,  
 Ao vosso Portugal tanta ventura!  
 Que hũ Rei, q fũda o imperio na piedade,  
 Virtude com razão a mais segura,  
 E na justiça igual, com que governa,  
 A gloria, & a coroa faz eterna.

39

Em vos tanta piedade resplandece.  
 Que sois primeiro e Portugal Trajano,  
 E vossa mansidão mais se engrandece  
 Junta a vosso valor, q he mais q humano:  
 De modo cada acção vos ennobrece,  
 Que sois, acreditando soberano  
 Como valor, & piedade summa,  
 Romulo forte, religioso Numa.

Tanto



40

Tanto vos acredita o justicoso;  
Que em premios, & castigos excellête  
Né aoque mereceu deixais queixoso;  
Nem deixais sê castigo ao delinquête:  
Não val ao que pecou ser poderoso;  
Antes então da lei o peso sente:  
Que não he Rei, ou o he de umilde sorte  
Quê sô impera no fraco, e não no forte

41

Com este zelo, com que igual defende  
Vosso braço a justiça inviolada,  
O q he mais alto, mais pontual éprêde  
A observância da lei, que ao Rei agrada:  
Cõ o exêplo do grãde o umilde aprêde  
A virtude, que crece de emulada:  
Que não ha melhor lei para os menores  
Que a imitação do Rei, & dos maiores.

42

Porquê mais luza o venturoso dia;  
Em que sois Sol, & a liberdade Aurora;  
Do peso nos livrastes, que oprimia  
Nossos ombros cansados até agora:  
Do peso dos tributos, que trazia  
Imposições tiranas d' ora em ora,  
Com que já não bastava o soportallos  
O exausto patrimonio dos vassallos.

He

43

He verdade, que a guerra, que se espera,  
Que se estriba nos nervos do dinheiro,  
Não permite cessar (como quisera  
Vosso Amor) o tributo todo inteiro:  
Mas vossa mansidão tanto modera  
O peso dos tributos, q primeiro  
Que os peçais; por vontade os oferece  
O Reino, & aceitarlhos agradece.

44

Ainda assim de maneira moderastes  
O nome sempre odioso dos tributos,  
Que na distribuição, có q os lâcastes,  
Não ha qué não deseje darvos muitos;  
Porque benino os pobres aliviastes  
Pedindo mais aquê logrou mais frutos  
E deste modo mais contente fica  
Quem maior sôma a vossa mão applica.

45

Vem a ser mais suave, que penosa  
Esta do Reino ja sofrivel carga,  
Que doce oje se faz por amorosa,  
Se por dura até agora foi amarga:  
Porque com providencia cuidadosa,  
Não com ostentação prodiga, & larga  
Acode à universal necessidade,  
Não ao gosto superfluo da vaidade.

H

Outra



46

Outra prosperidade, que conquista  
Os corações de todos docemente,  
Nos concedeis, Senhor, cō vossa vista,  
Tendonos sempre a porta mui patête:  
Este favor emenda o que malquista  
A todo o pederoso de insolente:  
Que he pena desigual, q̃ o Sol esquivo  
Ao pobre negue a luz, que dà ao altivo

47

Tão Sol neste favor resplandecestes,  
Que mostrastes com giro peregrino  
Na luz, que ao vosso povo cōcedestes,  
Providencias lustrôas de Divino:  
Pois, como Deos, a penas conhecestes  
Algum afeêto de animo, a que fino  
Não assistisse já vosso cuidado  
Ainda antes conhecido, que invocado.

48

E não faltando zelo inadvertido,  
Que, quando tanta luz communicastes,  
Receasse o decoro diminuido  
Nos raios liberaes, que revelastes:  
Vos de vosso valor sô competido  
Amoroso, & prudente o atalhastes,  
Dizendo: Não convem a meu respeito  
Cerrar a porta a quem me abriu o peito.

O ver.



49

O verdadeiramente amor paterno!  
 O espirito real, o que confia  
 Fazer das leis de Amor leis de governo  
 Fundar nos corações a monarquia!  
 O de Rei Português empenho eterno,  
 Que tantas saudades alivia!  
 Ter na clemência a maior gloria posta,  
 Ver, & ser visto, ouvir, & dar resposta.

50

Hũa satisfação dar vos desejo,  
 Antes que o tempo meus accétos rōpa,  
 E que a afeição, que neste coro vejo,  
 Cō outro aplauso o cāto me interrōpa:  
 Porq̃ né eu, Senhor, né o aureo Tejo  
 Vos recebemos com tão grande pópa,  
 Como já noutro tempo recebemos  
 A quem menos amamos, & devemos.

51

Mas bem sabeis, que he mais industriosa  
 Alifonja affectada, que a verdade,  
 Que he toda a servidaõ mais égenhosa  
 Para adular, que anobre liberdade:  
 E que mais facil he a paxão medrosa  
 Em inventar, que a candida vontade:  
 Portanto eu verdadeira, livre, & amãte  
 Oje singella fui, se então galante.

H2

F avos



52

Ea vossa estimação rendo obrigada  
Por sacrificio de maior decoro  
De soldados magnanimos a espada,  
E de engenhos armonicos o coro:  
Aquelles com destreza acreditada,  
E estes farão com método canoro  
Que o vosso campo toda a terra dome  
Que soe é todo o mudo o vosso nome.

53

Começai pois, ó Rei maravilhoso,  
A equivocar defenfa, & mais cóquista:  
Nem haja quem vos dane belicoso,  
Nem haja quem ousado vos resista:  
O inimigo soberbo, & cauteloso  
Tão atalhado se ache à vossa vista,  
Que vêdo em sua casa a maior guerra,  
Defenda a sua, & deixe a vossa terra.

54

Este he o modo, Senhor, mais acertado  
Para vos defenderdes de inimigo,  
Que no poder, que ostenta, confiado  
Na vizinhanca afeceta o mór perigo:  
Vede, que he singular razão de estado  
Para vossa defeta, & seu castigo  
Enfraquecerlhe a força do ameaço,  
Divirtirlhe o poder, prenderlhe o braço.

Veja



# QVINTO 116

55

Veja, veja, que tendes tanto alento  
 Não tó para a batalha, que prepara  
 Mas tábé para o triũfo, a cujo accêto  
 Já afamavos promete avoz mais clara,  
 Que anticipais aguerra a seu intento  
 Com animo tão grande, que não para  
 Em defender somente o patrio muro,  
 Mas q̃ ainda o seu está pouco seguro.

56

Divirtase o poder, com que pretende  
 Impugnar vossa gloria temerario:  
 De menos necessita quem ofende,  
 Mais ha mister quẽ teme a seu cõtrario  
 Não duvideis de q̃ arrogãte emprende  
 Guerra, & para a defesa he necessario  
 Diminuir lhe a força, antes que possa  
 Vnir a sua, & dividir a vossa.

57

Onde a guerra está viva, alli se encerra  
 A fome, a confusão, & o geral dano,  
 E tal vez he pior, que a mesma guerra,  
 O receio da guerra desumano:  
 Trasladaí estes danos para a terra  
 Viciosa do soberbo Castelhano,  
 Onde de vosso câpo o forte, & o fraco  
 Se anime, & se enriqueça com o sacco.

H;

N 6



58

Não duvideis, que a guerra anticipada  
Da vossa parte he justa, & conveniente,  
Porque vai à defenſa encaminhada,  
Que dilação de instantes não consente:  
Quanto mais que já vejo provocada  
Com affaltos comũs a vossa gente:  
Deixo a causa das rendas, q̃ vos deve  
O soberbo Eſpanhol, que não he leve.

59

Vede do augusto Infante *Dom Duarte*  
A injusta detenção em Alemanha,  
Onde, despois que foi valente Marte,  
A força se lhe faz, q̃ o mũdo eſtranha:  
E oje retido em tão remota parte,  
Por ſegurar a citerior Eſpanha,  
Padecendo as violencias mais injustas  
Faz vossa guerra, e vossas armas justas.

60

Tendes soldados taes, que não duvido,  
Que tenhais certa a mais feliz vitoria,  
Pois ſeu valor ao mundo conhecido  
Em Caſtella deixou maior memoria:  
Milítão pelo ſoldo pretendido  
Os contrarios, & os vossos pela gloria  
Da liberdade, & pela Patria amada  
Preferindo ao viver a morte onrada.

Os

61

Os nobres com illustre gentileza  
 Liberaes oferecem, & alentados  
 Aos dispendios marciaes sua riqueza,  
 Aos perigos seus peitos esforçados:  
 Seguem os populares a Nobreza  
 Com tal emulação, tão animados,  
 Que para vos servir ricos, & pobres,  
 Todos, Senhor, nos animos são nobres.

62

Nem a quebra de algũs desacredita  
 Os que ficão leaes, nem desalenta  
 Os peitos, em que a fê se não limita,  
 As almas, é q o Amor mais se acrecêta:  
 Antes tantas finezas sollicita,  
 Que cõ affecto, & com lealdade isêta  
 Da sospeita menor veio a ser pedra,  
 Em cujo toque a fê créditos medra.

63

Marche por tanto o Campo conduzido  
 De Eroë fatal, ocupe valle, & serra:  
 Começai de vencer restituído,  
 Dài principio ditoso à justa guerra  
 Peça antes o inimigo por partido,  
 Que livre lhe deixeis a sua terra:  
 Mais val, q vécedor (mais val por certo)  
 Deis ao vécido horror, leis ao cõcerto.

H 4

A caxa



64

A caixa, que já toa, à voz sonora  
Da trombeta bastarda, ao estandarte,  
Cuja sagrada empresa o vento adora,  
Rêda temor Castella em toda a parte:  
Quê vos vio Cesar na primeira Aurora  
Do Reino, vos admire logo Marte  
No meio dia, a cujos raios d'ouro  
Tribute luz o Sol, & a fama louro.

65

Marche a vossa valente infantaria,  
Que tão grandes façanhas vos promete,  
Aumentando esplendor à luz do dia  
Os reflexos do peiro, & capacete:  
Forme muros de faia a picaria,  
Fulmine em seus cõornos o mósquete  
O raio do pilouro, descompondo  
Alus mortos da ferida, a outros do estrôdo

66

Marche a Cavallaria, marche, & bata  
Com a ferrada unha a terra dura,  
Mostrado no escharvar, q de abrir trata  
Para vossos contrarios sepultura:  
Tinja o cavallo na úmida escharlata.  
Do enemigo feroz a neve pura,  
Com que o freio guarnece mastigado  
De cristal, & de purpura argentado.

E vos



67

E vos aos cavalleiros, & aos infantes  
Inspirai com a vista tanto alento,  
Que ainda âtes da batalha dê triúfâtes  
O vosso, & o seu nome ao firmamento,  
Onde em cifras de luzes rutilantes  
Admire a emulação, & adore o vento  
Nessa lamina azul letras de gloria,  
A que a fama encomêde a vossa illoria.

68

Seja a mais propria acção da eternidade  
Dos vossos esquadrões qualquer êpresa  
Câte-se é todo o mûdo, é toda a idade e  
A gloria da coroa Portuguesa:  
E renovada a candida amizade  
Da gente Lusitana, & da Francesa  
Faça reverdecer agora os louros  
De quâdo me livrou da mão dos Mouros.

69

Acabou de cantar, & donde o canto  
Deu fim, trinâdo a voz suave accêto;  
Louvandoa foi retorica o espâto,  
Eloquencia o amor, lisonja o vento:  
Sua doce harmonia pode tanto,  
Que deu às duras pedras movimento,  
As aguas suspensão, ao ar firmeza:  
Callou, & tornou tudo à natureza.

Amarilis



70

AMARILIS, q̃ està quasi pi cada,  
 Porque o Tejo por varia a mortifica,  
 Posto que a não picarse he costumada,  
 Antes a ser quem sempre a todos pica:  
 As glorias d'este aplauso dedicada  
 Tão êmula em affectos se publica,  
 Que já lhe não impede o claro Tejo,  
 Que logre de algum modo seu desejo:

71

Citara de marfim com cordas d'ouro  
 Tomou, que antigamente foi o fensa  
 De Orfêo na mão de hũ cizne, q̃ no Douro  
 Cantou alegre liberdade immensa:  
 Não foi assim no Tejo, ôde d' hũ louro  
 Com desenganos a deixou suspensa  
 Mas na mão de Amarilis ter podia  
 Nova constellação pela armonia.

72

Tocandoa pois, a seu fiel compasso  
 Graciosa a bala o corpo, & o pé breve  
 De fogo liberal, de neve escasso  
 Vai semeando fogo com a neve:  
 A cada movimento, a cada passo  
 Ora livre, ora grave, & ora leve  
 He senhora dos ares por airosa,  
 E vai pisando as almas por fermosa.

Quando

73

Quando o largo teatro em roda gira,  
Sendo sêpre a seu garbo a roda estreita,  
Huás almas abraça, outras admira,  
Outras préde, outras mata, outras deleita:  
D'onde o pè fugitivo se retira,  
Não sabe o chão, q o teve, mas sospeita  
Pelas flores amenas, que alli gera,  
Que por alli passou a Primavera.

74

Com a vista não pode todo o coro  
Das Ninfas comprehender o labirinto,  
Que tece entre o airoso, & o sonoro  
Ainda nos pensamentos não distinto:  
Segura na belleza, & no decoro  
Cirulos forma bellos, em que sinto  
Máis liberdades preías, & perdidas,  
Do que Dedalo é Creta enlaçou vidas.

75

Com tão bom ar, com tal destreza dáça,  
Que houve qué dice namorado della:  
Não he defeito professar mudança  
Que nas proprias mudâças he tão bella  
Húa faz, com que gera húa esperança,  
Com outra as esperanças atropella:  
E em cada volta ou grave ou pressada  
Quanto mata cruel, fermosa agrada.

Depois



76

Despoisquè a toda aliquida Deidade,  
E às Ninfas suspensão, & enveja dera  
Prendendo nas mudanças a vontade  
A quem de sua luz firmeza espera:  
Prostrada à Portuguesa Magestade  
A adoração repete, que fizera,  
Quão d'etrou a d'acar, mostrádo agora  
De Venus o esplendor, se étão d' Aurora

77

Faltou primeiro toda a luz ao dia,  
Que o Sol de pura enveja lhe negara;  
Que faltasse o aplauso, & a harmonia,  
Comque Lisboa seu amor declara;  
Mas não suspêdem sombras a alegria,  
Que nos braços da noite foi mais clara  
Na ostentação de luminarias bellas,  
Que brilhaõ mais, q' as lúcidas estrellas

78

Esta foi, Rei invicto, a menor parte  
Da pompa, que oferece a vossos raios  
Quem vos aclama Lusitano Marte,  
Que ao leão Elpanhol causais desmaios:  
O amor, que nestes versos me reparte  
Para cantonior breves ensaios.  
Avossos pés me traz, onde pretendo  
Lograr ditoso o affecto, que vos rêdo.

E em quão

79

Em quanto outro furor mais levãtado  
Preparo a vosso braço victorioso  
No triũso, q̃ em auspicios de esperado  
Possue já os encomios de glorioso:  
E é quãto aos anaes vossos chama ofado  
De vossa immortal gloria cuidadoso  
A erudição d' hũ Brito que na istoria  
Divulgue em alto estilo vossa gloria.

80

Accitai hũ desejo, que procura  
Servirvos noq̃ pode, & noque alcãça:  
Sò quero é vos servir minha ventura,  
Sò fũdo em vos ser vir minha esperãça  
Assim serà a confiança mais segura,  
Por que não ha mais certa confiança,  
Que aspirar ao serviço sem o intento  
Do premio, q̃ não dà merecimento,

81

Esta mão, grande Rei, que pela idea  
A vosso culto toda dedicada  
Vos escreve os triunfos, que Vlissea  
Rende a vossa coroa restaurada:  
Se do fogaço Marte, ou justa Astrea  
Lhe cometerdes a valente espada,  
Vereis. como servindo vos robusta  
Avibra forte, ou a sustenta justa.

E se



E se vossa grandeza me concede  
O favor alto, a que meu câto aspira,  
Poder ostentareis, que augusto excede  
Ao da fortuna, q' ofendendo admira:  
Porque a fortuna para mim procede  
Com tão grande poder, & com tal ire,  
Que fareis mais é cõtrastar seus danos,  
Que é vécer esquadrões de Castelhanos!

F I M



CAN-



# A ELREI NOSSO SENHOR

DOM IOÃO O QVARTO:

feita para o certame da Vni  
versidade de Coimbra.

## CANCAO.



Evantou Portugal a coroada  
Cabeça tantos annos oprimida  
Na servidão cruel do Castelhano

Ià sua liberdade restaurada

O ciarim de Calliope convida

A accento eroicamente soberano:

Ià no auspicio da gloria o fim do dano

Tão uniforme se ajuntou, que apenas

Distinguir pode o acto da memoria,

Se foi primeiro o principiar a gloria?

Se foi primeiro o terminar as penas?

Calliope Divina, d'ame agora

Armonico instrumento, voz sonora,

Que cante dinamente

Do Redemptor da Portugueza gente

A coração real, & seja tanto

O aplauso memoravel de meu canto,

Que soe a voz de minha activa épresa

Quanto soou a fama Pottuguesa.

Deviasse a coroa Lusitana

Por direito à Senhora Caterina,

Quando



Quando a Parca atalhou grãdes aumêtos:  
 Mas intrusã a soberba Castelhana  
 Triunfando da fraqueza feminina  
 Ganhou os muros; não os penlamêtos:  
 Sempre se preservarão tão isentos  
 Os animos do jogo, que oprimia  
 Com violencia fatal a liberdade,  
 Que nunca se apossou de hũa vôtade  
 O odioso poder da tirania:  
 Sempre se sustentou hũa esperança  
 De restituirã Casa de Bragança  
 Real pela ascendeneia,  
 Real pela usurpada preferencia  
 A coroa de Lusô, mas o efeito,  
 Se facil por vontade, & por direito,  
 Por falta de occasiã se dilatava  
 Na força, & no temor. E já tardava.

Mas quando pareceu mais sepultado  
 Nas sombras do importuno sofrimêto  
 Sojeito ao catiueiro mais injusto:  
 De impulso superior resucitado.  
 As nè voas espalhou do esquecimento  
 E os raios despregou do brio augusto:  
 Iusta resolução, decreto justo  
 De mudar a coroa generosa  
 Determinou a eroica fortaleza,

E con

E convocando a principal Nobreza  
 Para a conjuração mais gloriosa  
 Dispos' o intêto illustre tão secreto,  
 Que padecia escrupulo o decreto,  
 Quando se executava,  
 E parecia, que ainda se ignorava:  
 Pois venturosamente conseguido  
 Seu louvor aumentava e não ser crido  
 Gozando as esperanças no successo  
 Cõplemento feliz, prospero excessso.

Determinada pois a acção maisdina  
 Do concavo metal, do metal plano,  
 Dequãtas cõta antiga, & nova istoria:  
 O efeito confirmou, que era Divina,  
 Porque sò por auxilio soberano  
 Tão barata se compra tanta gloria:  
 Tu, flor de Penaguião, tu de memoria  
 Eterna dino, o collo à tirania  
 Cortaste (E callo os outros cõ espãto  
 Reservãdolhe a gloria a maior cãto,  
 Que os eternize e celebre armonia):  
 Derrubou este golpe não sò a vida  
 Do corpo, em q̃ tocou, aborrecida;  
 Mas do dano que a ella  
 Respirações mandava de Castella:  
 Porque esta sò garganta unicamente  
 I Susten-



Sustentava a cabeça, que insolente  
 A coroa cingia Lusitana  
 Na fronte cheia de ambição tirana.

Iá cadaver aquella estatua altiva  
 Precipitado ao vulgo a dar vingança  
 Aos corações de tantos ofendidos:  
 Se aclamou em voz alta: Viva, viva  
 Rei Português o Duque de Bragãça:  
 Suave admiração para os ouvidos:  
 Suspensão repartida em dous séridos  
 O povo concebeu d'esta façanha:  
 Nos olhos, do espectáculo, que viaõ,  
 Nos ouvidos, do bem, que percebiaõ,  
 Mal se podia crer gloria tamanha;  
 Mas o Amor persuadio aquê a ignora  
 Cõ evidência tal, que antes de hũa ora,  
 Sem que voz o impugnasse,  
 Sem q' arma se movesse, ou dispara ,  
 Se adorou a luz nova da coroa  
 D' El Rei Dõ Ioão nos muros de Lisboa;  
 Cõ a boca, cõ a alma, & cõ mil modos,  
 Viva El Rei Dõ Ioão Quarto, dizê todos.

Logo no quinto dia (porque Marte  
 He radiante Senhor da quinta esfera)  
 O Marte Português mostrou seus raios:  
 Sua

Sua vista ños animos reparte  
 Alentos ao amor de quem o espera,  
 E à emulação (se a houve) mil desmaios  
 Não querêdo mais pópa, q̃ os ésaïos  
 De coriscos marciaes, que sonorosos  
 Davão luz ao amor, fumo à enveja:  
 Sò quer, que sua pompa maior seja  
 De animos Portugueles os fogosos  
 Aplausos, cuja salva mais lhe agrada,  
 Que o triũfo, & q̃ a coroa celebrada:  
 Firmouse emfim o intento  
 Com a so lene acção do juramento  
 Com tal quietação, q̃ bẽ se alcança,  
 Que lhe he dada a coroa por erança,  
 Não por cóquista; Pois apaz lha rede  
 Todos a aclamação, & ningnẽ a ofẽde

Agora pois, ò Rei pelo Ceo dado  
 Por Redẽptor da gente Portuguesa,  
 Que por sessenta invernos foi cativa:  
 Agora no Real solio colocado  
 Resta, que sustẽtejs a eroica empresa,  
 De que nosso remedio se deriva;  
 Ià sem receios a esperança viva  
 Augusto Pai da Patria vos aclama:  
 E se nossa comum necessidade  
 Vos chamou, jà primeiro na vontade



Do Reino todo, que fiel vos ama,  
 Ereis chamado ao cetro, ereis eleito  
 A coroa, que he vossa por direito:  
 Agora vos compete  
 Dar a restauração, que nos promete  
 O Ceo por vosso braço vitorioso:  
 Agora umanamente Magestoso,  
 Sé q o temor, & sé q o amor se mude,  
 Dareis castigo ao mal, premio à virtude.

Agora edificar hũ novo templo  
 Deve a Fama immortal à vossa gloria  
 Com as pedras de nosso cativeiro:  
 Sirva, Senhor, a vossa luz de exemplo  
 A viva fama, a immortal memoria  
 De vosso átecessor Dõ Ioão Primeiro:  
 Sede vos seu retrato verdadeiro,  
 Se he, q elle já não foi vosso retrato:  
 Nõs dous a mesma gloria terá parte:  
 Vitorioso triunfou seu estandarte  
 Do Leão sepre à nossa Serpe ingrato:  
 Vencendo triunfarà vossa bandeira  
 Da fabrica de escudos lisonjeira,  
 Que presumido arvora  
 Contra nos o Leão, que vos ignora,  
 E do meio das Armas peregrinas  
 O escudo arrãcareis das nossas Quinas:  
 Que

Que pois sois Quarto, como o Sol q' vista  
 Poderà aver, q' a vosso ardor resista?

Embraçai pois, Senhor, cõ firme laço  
 O sacro escudo, vibraijà essa lança,  
 Cegue a Castella a luz da vossa espada  
 Ià para vos coroar descrava obraço  
 Cristo da cruz, auspicio de esperança,  
 E aprovação da épresa principiada:  
 Alvoroce a trombeta exercitada  
 Os ginetes, que è Lisboa gera o vèto:  
 O rumor soe do estrondolo parche,  
 E alegre a seu cõpasso o câpo marche  
 Bebendo inspirações de vosso alêto:  
 Provoquẽ as bandeiras jà triunfâtes  
 O exercito valente dos infantes:  
 E quando o Castelhana  
 Vossa coroa impugne? com seu dano  
 Renoue escarmentado na memoria  
 Sua destruição, & vossa gloria,  
 E ouça primeiro o circulo da terra  
 Vosso triũfo immortal, q' vossa guerra.

Canção, que vãs nas alas d' hũ de sejo  
 Mais de amor, q' de égenho, presúptuoso  
 Habilitarte no Mondego undoso  
 Para ser salva illustre ao Sol do Tejo,



Menos culta te vejo,  
 Do que pede coroa tão pomposa;  
 Mas tua umilde voz por amorosa  
 Desculpa confianças mais estranhas:  
 Animate portanto,  
 E ao Rei, a quem adoras neste canto,  
 Diràs, que já farão suas façanhas,  
 E meus accentos, que Alexandre seja,  
Sem à dita de Aquilles ter enveja.


Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

**SONET**

## SONETTO

 è prima delle voglie, e già del Regno,  
 Al cui senno, al cui capo, alla cui mano  
 Il cuore, il lauro, il scettro Lusitano  
 Sacro l'affetto, il trionfo, il feudo degno.  
 A voi, che sete di celeste pegno  
 Compita fede, sen' oppone 'n vano  
 La possanza superba dell' Ispano  
 D'amor, digioia, di tributo indegno.  
 Che, se pùr Christo, mentre 'l Regno chiama  
 Vostra corona, il santo braccio schioda  
 Della croce, e se pùr può tutto in esso.  
 Pùr vuole dimostrarci, quanto v' ama,  
 Edice a 'Portogallo sì, che l' oda:  
 Ecco si compie quello, ch' ho promesso.

Levou o Primeiro Premio.

